

# tempo e presença

Publicação do CEDI • Número 204 • Dezembro de 1985 • Cr\$ 6.000

Winnie Mandela:  
uma mulher  
desafia o governo  
em defesa de seu povo



Os novos  
ministérios da mulher

Sr. Editor,

Antes de voltar a Barcelona, tive a alegria de receber o número de setembro de "**Tempo e Presença**", o qual, como sempre, achei extraordinário. Quero cumprimentar a revista pelo excelente e dramático artigo sobre o tema da dívida externa dos países de nosso continente. Impressionou-me, também, a informação relacionada com a criação da ALA (Ação Latino-americana). Parece-me ser algo que pode ter uma grande transcendência e provocar um grande impacto. Que bom seria estar aí para apoiar uma iniciativa como esta. Sugiro que a revista continue informando sobre a evolução do assunto.

Luiz Odell  
Barcelona, Espanha

Prezados editores do Cedi,

Há três meses assino "Tempo e Presença". Devia ter assinado antes. Estou muito satisfeito. De modo especial quero louvar o nº 202, de outubro passado, sobre os 20 anos do Concílio Vaticano II e a perspectiva do Sínodo dos Bispos, que se realiza em Roma. Gosto muito de ouvir os "dois sinos": uma igreja que deseja "voltar ao centro" e outra igreja voltada para todos os homens que precisam de um **serviço** de libertação dentro da verdade, justiça, liberdade e fraternidade. Parabéns.

Pe. Cícero Souza  
Guaraí, GO.

Apreciado irmão,

Há alguns dias recebi o último número de "Tempo e Presença", cujo tema é o Sínodo dos Bispos da Igreja Católica Romana. Li-o todo, e motivei-me a escrever-lhes para agradecer ao CEDI pela publicação de tão valioso material. Vossa revista é uma fonte que alimenta nossas Publicações, e seus artigos, que traduzimos, fazemos chegar aos grupos de CEB's aqui no Equador.

Anastácio Gallego C.  
Centro de Promoção Rural  
Guayaquil — Equador

Prezados senhores,

Ficamos muito contentes por podermos contar com esta revista em nossa biblioteca, tendo em vista a atualidade e a abertura corajosa com que vocês tratam os temas, principalmente em questões polêmicas. Queremos parabenizá-los e ao mesmo tempo manifestar-lhes o nosso apoio, por todo esse

trabalho de conscientização do Povo de Deus, em nível de Igrejas, que é de suma importância para a realidade Latino-americana.

Aproveitamos desta, também, para parabenizá-los especificamente pelo excelente número sobre o "Vaticano II e o Sínodo dos Bispos" e ao mesmo tempo nos solidarizarmos aos anseios dos artigos publicados sobre este tema.

Pe. Aléscio Aparecido  
Bombonatti  
P/ Comunidade Missionária  
São José, SP.

Prezadíssimos senhores,

Continuem abrindo os horizontes, com artigos, reportagens, pesquisas — o que for do interesse dos operários do Reino de Deus. Uma opinião muito pessoal: não faço questão de papel caro nem mesmo de trabalhos de pesquisa muito sofisticados. Em vez de grandes análises prefiro mesmo é pequenas notícias, pinçadas aqui e ali, um ou outro comentário por quem tiver autoridade para isso. O resto é com o leitor.

Manuel Borges Neto  
Humaitá, RJ.

Ilmo Sr. Diretor,

Vendo nas mãos de um de nossos colegas de curso, a revista "Tempo e Presença", admirei-a muito, porque traz notícias importantes, que nos ajudam a ver melhor os acontecimentos hoje, na ótica do nosso povo sofrido e oprimido. É um material muito rico para nós que moramos no Nordeste, na periferia de Fortaleza.

Irmã Cacilda Maria,  
Fortaleza, CE.

Prezado amigo,

Agradecendo sua atenção, resta-nos felicitá-lo pelas posturas das edições CEDI em face da atual conjuntura de nossas Igrejas, no Brasil e no mundo. Continuem o esforço que ajuda a caminhada de muitos. Parabéns.

Irmã Inês,  
Porto Alegre, RS.

Ao CEDI,

No mês de agosto recebi um grande presente: a assinatura da revista "Tempo e Presença". Devo parabenizá-los pela visão ampla, madura e teológica como vêm tratando os assuntos. Estou aguardan-

do ansiosa o número de setembro. Gostaria que verificassem se em meu nome foi feita também a assinatura do boletim semanal "Aconteceu".

Irmã Maria Luiza Pantarotto,  
Santa Cruz do Rio Pardo, SP.

Ao CEDI,

Decorridos oito meses após uma intervenção no Hospital Regional "D. Antonio Mendonça Monteiro" (ocorrida em 14.02.85), por parte da prefeitura local — que foi por muitos considerada verdadeira agressão aos direitos do Instituto Bonfinense de Assistência e Promoção Social, IBAPS — entidade vinculada à nossa diocese de Bonfim e mantenedora do referido hospital, e aos direitos sociais sobretudo da parcela mais carente da população, vimos a V. Excia. solicitar solidariedade junto às autoridades constituídas, no sentido de que seja agilizado o processo em trâmite na justiça, com o objetivo de encontrar uma solução cabível para o problema. Atribuímos a gravidade da situação ao prefeito do município do Senhor do Bonfim, Cândido Augusto Martins, a quem solicitamos sejam endereçadas consultas pedindo soluções. Sugerimos a mesma atitude em relação ao Juiz de Direito da Comarca, magistrado Wilson Lopes de Carvalho. Com apreço,  
D. Jairo Rui Matos da Silva —  
diretor do IBAPS.  
Senhor do Bonfim, BA.

Prezados companheiros,

Li e gostei muito do documento elaborado pelo CEDI e assinado por outras entidades, defendendo a Teologia da Libertação. Efetivamente, devemos estar vigilantes quanto aos desdobramentos do Sínodo Extraordinário convocado por Roma. O ideal seria obter um resultado positivo de tal evento, com a revogação do silêncio obsequioso a que foram submetidos os freis Leonardo Boff e Clodovis Boff. Considerando as atuais diretrizes do Vaticano, de conteúdo acen-tuadamente retrógrado, ao menos devemos assegurar os passos já caminhados pela Igreja na concretização do Projeto de Deus, através do Vaticano II, dos encontros de Medellín e de Puebla.

Saudações fraternais,  
Fernando Costa de Paula  
Petrópolis, RJ.

## tempo e presença

Revista mensal  
do CEDI  
Número 204  
Dezembro de 1985

CEDI Centro Ecumênico de  
Documentação e Informação

Rua Cosme Velho, 98, fundos  
Telefone: 205-5197  
22241 — Rio de Janeiro — RJ

Av. Higienópolis, 983  
Telefone: 66-7273  
01238 — São Paulo — SP

Conselho Editorial  
Aloizio Mercadante Oliva  
Jether Pereira Ramalho  
José Oscar Beozzo  
Rubem Alves  
Zwinglio Mota Dias

Editores  
Dermi Azevedo  
José Ricardo Ramalho

Jornalista Responsável  
Dermi Azevedo  
Reg. prof. n.º 239

Sub-Editora  
Rosa Eleutério

Edição Gráfica  
Sérgio Alli

Diagramação  
Marco Antonio Teixeira

Sagarana Editora Ltda.  
Av. Nazaré Paulista, 146 — sala  
4  
05448 — São Paulo — SP

Composição e impressão  
Cia. Editora Jorués

Capa  
Winnie Mandela, 51 anos,  
médica, líder de movimen-  
tos contra o governo segre-  
gacionista da África do Sul,  
banida há mais de 20 anos.  
(Foto Murray Michell -  
AFP)

Preço do exemplar avulso:  
Cr\$ 6.000

## Mulher

4 MULHER, POR QUE NÃO?

João Carlos Oliveri

6 AS MULHERES

CONQUISTAM SEUS DIREITOS

Depoimento a Fermino Neto

8 ONDE TEM POVO EU ESTOU,  
PORQUE ONDE TEM POVO, TEM  
DEUS"

Depoimento a Nilde Balcão

10 "TEMOS MUITA FÉ.

E POR ISSO SOMOS CAPAZES  
DE ENFRENTAR A LUTA"

Entrevista de Raymunda

de Sales Pereira a

Maristella Maffei

2 OS NOVOS

MINISTÉRIOS DA MULHER

Maria Célia Rossi

14 A MULHER DO EX-MINISTRO

Maria Regina

Albuquerque de Queiroz

6 RELIGIOSAS INSERIDAS

NO MUNDO DO TRABALHO

19 MULHER: O CARDEAL

REFORÇA O MACHISMO

Rose-Marie Muraro

## Constituinte

1 OS TRABALHADORES

E A CONSTITUINTE

## ÁFRICA DO SUL

2 O ESCÂNDALO

DO APARTHEID

## Carta da CLAT

4 "A OFENSIVA DA

CLAT NO BRASIL": RESPOSTA  
DE JOSÉ RICARDO RAMALHO

## Rubem Alves

5 ENSINA-NOS A ORAR

PORQUE JÁ NÃO SABEMOS

## América Latina

7 MIGUEL D'ESCOTO:

O SENTIDO DA INSURREIÇÃO  
EVANGÉLICA

## Informação

9 FUNDAÇÃO DA AGEN

(Agência Ecumênica de Notícias)

## Bíblia Hoje

0 TERRA PARA QUEM

NELA TRABALHA

## Livros

1 AS PRISÕES, OS JOVENS

E O POVO

Fermino Luiz

1 RAÍZES DA FOME

## Poema

2 O POVO É POETA

# Mulher e serviço ao povo

Os novos ministérios da mulher é o tema central desta edição de "Tempo e Presença", a última de 1985, que coincide também com o encerramento da Década da Mulher, instituída pela ONU em 1975. Através dos testemunhos de mulheres engajadas em várias experiências pastorais e nos movimentos populares, o leitor poderá verificar a importância da crescente participação feminina no serviço pastoral e na luta pela transformação da sociedade.

O tema desta edição é, mais especificamente, de caráter eclesial. Mas um eclesial não fechado nos limites internos das igrejas. É sim ecumênico, aberto, voltado para a valorização do serviço de evangelização libertadora realizado pela mulher, nas mais diversas formas de ministério. São serviços novos - no sentido de que resultam da participação, da criatividade, e de situações novas, ligadas ao avanço dos movimentos populares - e permanentes, perenes - no sentido de que remetem às próprias origens da comunidade cristã. Nossa intenção é promover uma ampla reflexão sobre o tema. Será que nós, no campo em que atuamos, urbano ou rural, eclesial ou extra-eclesial, estamos valorizando adequadamente a pessoa da mulher e suas imensas potencialidades de serviço? Será que, utilizando pretextos da "boa vizinhança", estamos ajudando a manter um sistema machista e autoritário que não abre caminhos para que a mulher contribua mais decisivamente para a tarefa de transformação social?

A nível internacional, o ano de 85 se encerra profundamente marcado pelo destemor da mulher: Winnie Mandela. Esposa de Nelson Mandela, líder do proscrito Congresso Nacional Sul-africano, órgão que mesmo na

clandestinidade prega a luta armada contra a segregação racial no país. Nelson está preso há 23 anos, cumprindo pena de prisão perpétua. E Winnie, banida há mais de 20 anos, durante todo este período esteve impedida de dar declarações à imprensa sul-africana e de reunir-se a mais de uma pessoa por vez. Além de ser obrigada a viver confinada no povoado de Brandfort a 500 km de Johannesburgo.

No último dia 3 ela rompeu pela primeira vez esta determinação. Compareceu aos funerais de 12 ativistas negros mortos em confronto com a polícia, no gueto de Mamelodi, próximo à capital, Pretória. Num discurso emocionado afirmou: "Cada um de nossos filhos enterrados hoje será vingado amanhã". No dia seguinte as agências internacionais noticiaram sem maiores esclarecimentos, sua internação na clínica Florence Nightingale, Johannesburgo, "para tratamento de distúrbios médicos", onde permaneceu quatro dias.

Sua foto na capa desta edição é uma homenagem ao seu gesto de desprendimento e amor por seu povo. Ele nos serve de reflexão neste Natal. Nele lembremos ainda o significado da vida daquela mulher do povo que, marginalizada, rachada, deu à luz Jesus Cristo Libertador. Recordemos o seu canto de exaltação ao Senhor, que derrubou os poderosos do seu trono e elevou os humildes, deixando os ricos de mãos vazias. Os ventos natalinos latino-americanos trazem-nos, lá de El Salvador, as palavras das religiosas Maura e Doroty, assassinadas há cinco anos: "Dezembro já está chegando... que nos trará dezembro? Em primeiro lugar vai trazer o Advento, tempo de espera, tempo de esperança".

# Mulher, por que não?



Nas lutas sociais, a participação da mulher é decisiva.

Debater o tema dos ministérios na Igreja implica em refletir sobre o tipo de sociedade que buscamos. Isto se aplica, em particular, à questão dos ministérios da mulher. Esta é a perspectiva da reflexão de João Carlos Oliveri, neste artigo.

**E** stávamos voltando de uma reunião de agentes de pastoral. Nove, na Kombi da Diocese: sete mulheres e dois homens. Mas sempre os homens fomos dirigindo, nos 400 quilômetros entre ida e volta. Na volta, eu vinha pensando: por que? Entre elas havia três motoristas, mas a gente vinha dirigindo. Assim como é difícil para um branco participar realmente da condição de negro e lutar por uma efetiva igualdade entre as raças, assim é difícil para um homem assumir mesmo a luta da mulher por igualdade.

A tal Kombi é um pouco a imagem da Igreja. As mulheres são maioria, quanto à participação. São tão preparadas e capazes quanto nós. Mas na direção sentam sempre os homens...

A questão dos ministérios na Igreja enfim, não é apenas uma questão litúrgica ou pastoral. Envolve a questão do projeto de sociedade que queremos. Gente de Igreja, estamos sempre falando de uma futura sociedade justa e fraterna. Mas continuamos com práticas

discriminatórias, que no fundo revelam o apego ao poder dos que sempre estiveram no poder. Ministério significa serviço, mas quando se torna privilégio privativo de grupos, classes ou castas, deixa de ser serviço para se transformar em exercício de poder.

A Equipe de Pastoral Social da Diocese, em seu último relatório, declara ter feito "uma opção positiva em favor da participação das mulheres dos bairros". Estas mulheres sempre foram marginalizadas, tanto na vida social e política ( não é coisa para mulher, se dizia), quanto na vida da Igreja, onde ficam sempre com as tarefas secundárias de serviços. Elas sofrem a exploração econômica junto com as famílias, e mais a exploração de uma sociedade machista que discrimina, marginaliza e não valoriza o trabalho doméstico.

"O resultado desta opção é que hoje existem em Três Lagoas (MS) mulheres exercendo lideranças nos movimentos de bairro, na Igreja, na política e nas mais diversas atividades. Mulheres que eram marginalizadas, reduzidas ao silêncio, hoje fazem ouvir sua voz e exigem participação. São elas que sustentam em grande parte o trabalho de saúde, os movimentos reivindicatórios de bairros, os grupos de reflexão e as CEBs na Igreja, e até os primeiros núcleos politicamente organizados".

Tal situação não é própria de uma cidade ou de uma diocese. Parece ser bastante comum no Brasil inteiro. Mas como se reflete numa possível mudança de estrutura do poder ministerial na Igreja? Praticamente, nada se diz a respeito. Um documento que circulou entre dirigentes de CEBs dizia: "A comunidade é o lugar onde, de preferência, se encontram as mulheres, porque antes a mulher não tinha voz nem vez na sociedade e na Igreja, especialmente a mulher pobre".

Hoje, sem dúvida, a mulher tem voz e vez no pequeno grupo, na comunidade de base da periferia. Mas a tem nas instâncias de decisão, a nível de grande Igreja? São interrogações que nos questionam, porque nos obrigam a rever nossos conceitos de Igreja, de ministério, de sociedade. Perguntar a nós mesmos: "**Por que não uma mulher?**", é perguntar pelo que há de essencial, de evangélico, nas estruturas de Igreja. É o desafio de descobrir e superar o que na Igreja é mutável, cultural, fruto apenas das contingências da História.

Em reunião da Equipe Diocesana CEBs surgiu a questão da falta de padres no Brasil. Houve uma interrogação provocante. O Domingos, pedreiro, da comunidade S. Antonio, de Andradina, há dez anos vem dirigindo cultos dominicais. Organiza a celebração, co-

menta a Palavra, distribui a Eucaristia. E, o que vale mais, ajuda o pessoal da comunidade a rezar de verdade, retomando assim fôlego para as lutas. Por que não pode ser padre? Porque é casado e não cursou uma faculdade! Quantos padres a mais teria o Brasil se caissem estas duas condições, evidentemente não evangélicas?

A pergunta causa espanto, mas já não é tão nova. Reunião terminada, a pergunta volta de outra forma: **e por que não uma mulher?** O espanto é evidentemente maior, mas vale insistir na pergunta: **por que não?**

As mulheres da periferia, junto com o povo das CEBs, estão descobrindo a Bíblia. E neste ano quiseram um encontro especial, de dois dias, sobre a Mulher na Bíblia. A coisa pegou fogo, o encontros destes estão se repetindo em diversas dioceses. E começam novas descobertas, que reforçam a pergunta: **por que não a mulher?**

Por exemplo, a descoberta que um dos mais antigos textos escritos da Bíblia pode ser o cântico de Débora. Uma mulher, com um duplo ministério tradicionalmente reservado aos homens: profetisa e juíza. Mulher que interpreta a Palavra do Senhor e mulher que organiza, guia e orienta a vida da comunidade. Na paz e na guerra, até à luta armada pela libertação. Com a ajuda de outra mulher, esmaga o general poderoso que ameaça seu povo. Terá pensado nela, quem louvou a Deus porque "derruba os poderosos de seus tronos e exalta os humildes"?



Na Igreja, ainda há obstáculos à participação efetiva.

Lourdes Maria Grzybowski

Sempre, na Igreja, foi reconhecido à mulher o ministério da caridade, do serviço amoroso ao próximo necessitado. Na esteira de Débora (e de Judite, e da própria Maria), as mulheres das CEBs reconhecem na luta de libertação, no esforço de transformação da sociedade, uma nova forma do mesmo ministério da caridade. Criar uma sociedade mais justa, para que todos tenham vida melhor, é hoje o grande ministério de muitas mulheres.

A este ponto, resolvo perguntar a minha mulher o que ela acha. Qual é o ministério mais próprio da mulher cristã, hoje? "É o ministério da resistência", responde sem muito pensar. Depois acrescenta: "É o de dar vida. Quem pode gerar nova vida, pode também gerar uma nova sociedade". E começa a lembrar as mulheres de Ivinhema, que foram as primeiras a ocupar Santa Idalina apesar das metralhadoras da polícia; e as mulheres de Três Lagoas, cidades de Mato Grosso do Sul, que enfrentaram vereadores e policiais para reivindicar seus direitos na Câmara municipal. Lembra das mulheres da Nicarágua e de toda América Latina: "Sua função criadora é também de gerar a sociedade nova, a mulher nova, o homem novo, que juntos vão gerar o Novo Céu e a Nova Terra".

No encontro sobre a Mulher na Bíblia, também se fizeram descobertas quanto à participação na vida interna da Igreja. Relendo o final da carta aos Romanos, as mulheres descobrem uma porção de suas irmãs - citadas pelo apóstolo - com serviços de destaque na Igreja. Tem uma Febe, diaconisa (por que hoje na Igreja católica só há diáconos, e tão raros?). Há até uma Júnia, que Paulo chama de apóstola, além de companheira de prisão. O fato parece tão escandaloso que alguns leem "Júnias", nome masculino. Mulher apóstola? Por que não?

Perante as mil formas de luta a serem travadas na sociedade (agora é a Reforma Agrária, a nova Constituição, mudanças no sistema...) nos perguntamos muitas vezes se valia a pena levantar estas questões internas da vida da Igreja. Mas, por que não? Como poderemos ter uma sociedade diferente sem ter também uma Igreja diferente? Nas duas, Igreja e sociedade, o papel da mulher será determinante. "Elas sustentam a metade do Céu".

**João Carlos** (Lajes - SFAP) é marido da Bel, responsável pela Pastoral Social da Diocese de Três Lagoas - MS. Os dois colaboram com o Programa Novas Formas de ser Igreja do CEDI.



A vida familiar é muitas vezes sacrificada.

Sidney Waismann

# As mulheres conquistam seus direitos



Fernando A. Rodrigues

Os novos espaços: na sociedade, vistos como conquistas efetivas da mulher. Na Igreja, chances apenas em funções que não atraem os homens.

O espaço da mulher no ministério eclesial é algo que vai sendo progressivamente conquistado. É o que dizem, nestes depoimentos a Fermino Neto, seis mulheres cristãs que militam em suas igrejas. Esses testemunhos indicam uma presença bastante ampla e diversificada da mulher no serviço de evangelização e na luta pela nova sociedade.

**Ana Maria Dias da Silva — esposa do metalúrgico Santo Dias da Silva, (assassinado por um policial em 1969, durante piquete em frente à indústria Silvânia, na região de Santo Amaro, zona Sul de São Paulo).**

“Todos os oprimidos devem batalhar muito para não continuarem oprimidos. A missão de quem vive debaixo do poder dos outros é conquistar o espaço que não tem. Na Igreja, a mulher ainda não tem um lugar ideal. Mas ela

é uma força dentro do universo católico apostólico romano.

A presença da mulher na Igreja vai crescendo por etapas. Cada vez se faz uma conquista. Hoje, nós estamos na catequese, fazemos leitura nas missas, cuidamos dos ornamentos e organizamos CEBs. Amanhã teremos andado mais, tenho certeza. As mulheres são combativas e já sabem que a presença delas na Igreja é uma conquista que precisa se ampliar.

Sem a mulher, muita coisa teria que deixar de ser feita na Igreja. Mas, mesmo assim, parece que não há espaço para uma participação mais ativa. Seria importante que nós, mulheres cristãs, católicas, nos unissemos para apresentar alternativas práticas à hierarquia, de modo a forçar nossa participação efetiva no processo inteiro da Igreja, como fizeram nossas irmãs das outras igrejas cristãs.”

**Ana Maria dos Santos — educadora**

**sindical, Ibirapitanga (BA):** “Quero falar como mulher, pobre e negra. Três qualidades que sinto, os padres desprezam. Pelo menos na minha região, a mulher tem sempre a última palavra. A primeira palavra é da hierarquia, a segunda, dos homens e a terceira da mulher, como instância de última categoria.

A mulher está sendo valorizada hoje, na Igreja Católica, não por outra coisa senão porque os homens, em geral, não freqüentam funções religiosas nem aceitam serviços como catequese etc. Para mim, o padre é ainda mais machista que os outros homens e procura fundamentos até nas Cartas do apóstolo Paulo para justificar essa negação da mulher como legítima candidata aos ministérios da Igreja. Perante o padre, a mulher não fala. Na missa, quem controla a palavra é ele. Na reunião, é ele. As decisões são dele.

Para aconselhar o bispo, há o conselho de padres. Nunca vi mulheres nesse conselho. Não sinto que a Igreja esteja tão interessada no problema da mulher, como se tem falado. A doutrina sobre a família, em seus princípios teológicos, é a mesma da Idade Média. A Igreja ainda acha que a “mulher deve ter tantos filhos quantos Deus mandar”, ficar em casa cuidando do serviço, ser obediente e deixar passar muita coisa do marido.

Mesmo Nossa Senhora é conhecida como humilde, submissa, obediente, modelo para todas as mulheres. Essa Maria está enquadrada no pensamento clerical, avesso à afirmação ministerial da mulher na Igreja Católica.

Quanto às outras igrejas cristãs, há muitas mulheres ordenadas. Não acho nada de extraordinário. É um direito que a mulher tem e que muitas igrejas já admitem.”

**Eunice Rocha dos Santos, lavradora, agente de pastoral das CEBs, Vitória da Conquista (BA):** “Para mim, as CEBs estão esclarecendo o papel da mulher na Igreja. Nas pequenas comunidades, geralmente, nós, mulheres,

puxamos canto, fazemos as leituras, convidamos o pessoal, mimeografamos mensagens, interpretamos a Palavra de Deus e nos encarregamos de executar as decisões práticas da comunidade, como reivindicações às autoridades e abaixo-assinados mais amplos. Nas CEBs, as mulheres são maioria. Mesmo nas passeatas, reivindicações públicas, campanhas, encontros etc, a participação da mulher é sempre superior. Acho, sinceramente, que nós, mulheres, vamos evangelizar o homem."

**Maria Dotta, religiosa da Congregação de São José de Chambéry, integrante da assessoria pastoral da Diocese de Teixeira de Freitas (BA):** "A participação feminina na Igreja começou com o Concílio Vaticano II, em 1962, até culminar com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), onde a mulher se tornou mola-mestra. Nas CEBs, homem e mulher são iguais.

Há muito campo no interior da Igreja: evangelização, catequese, grupos populares que se organizam a partir das comunidades etc. Nisso tudo a mulher pode botar a mão. Seu espaço está, de certa forma, garantido.

Porém, a abertura que o Concílio Vaticano II trouxe, não garante ainda que a mulher participe na Igreja a nível de decisões. Ela está, em tudo, submetida

à hierarquia, "necessariamente" masculina. Isso limita muito a caminhada da Igreja, porque a mulher na sociedade está conquistando espaços cada vez mais amplos, de responsabilidade e decisão.

O poder para celebrar os sacramentos, o direito de participar da chamada "colegialidade eclesial" e a possibilidade de organizar o povo, respondendo socialmente pelos assuntos da Igreja, são os principais direitos negados ao sexo feminino pela estrutura eclesial. Assim como o padre é entendido como o pastor da comunidade, a religiosa também poderia sê-lo com todas as prerrogativas. Creio que isso alimentaria a vida da Igreja e ajudaria as irmãs a darem efetivamente sua contribuição.

Creio, contudo, que a atual forma de presença da mulher na Igreja é resultado do início da renovação que, aos poucos, provoca alternativas bem próximas às novas formas de ser Igreja, de acordo com os últimos documentos eclesiais, onde o pastor se coloca como o animador da comunidade, nunca à frente, mas sempre junto do povo."

**Maria Helena Gastal, agente de pastoral e esposa do bispo Cláudio Vinicius Gastal, da Igreja Episcopal do Brasil, diocese de Porto Alegre (RS):** "Na nossa Igreja foi ordenada a primeira pastora, este ano, dia 5 de maio. É a pastora

Carmem Etel Alves Gomes, que exerce o ministério em Jaguarão (RS), na fronteira Brasil-Uruguai.

A participação ativa no "fazer cotidiano" das igrejas é direito de todos, independentemente de cor, raça e sexo.

Fico perguntando pela estrutura da Igreja Católica. Por que uma freira não pode ser ordenada? Deixar a vida religiosa e ingressar na sacerdotal? Acumular ambas se quiser? As freiras se dedicam num hospital, num asilo, num orfanato, num movimento de bairro e na hora da celebração sacramental, que expressa a comunhão entre os irmãos e destes com Deus, têm que mendigar o padre. Por que? Por direito, a freira mesmo poderia celebrar a comunhão sacramental, como expressão da comunhão que ela estabelece no dia-a-dia, pelo trabalho."

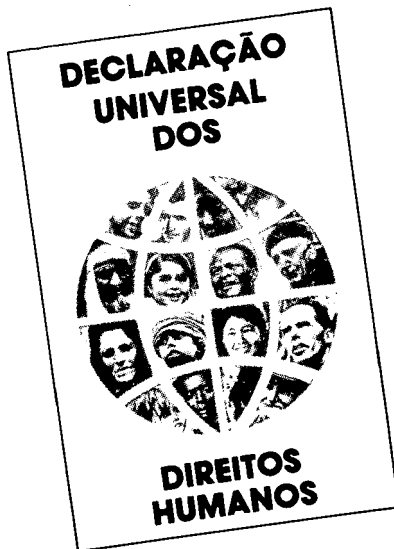
**Mônica Kopf, religiosa das Missionárias Servas do Espírito Santo — bairro Campo Limpo —, São Paulo (SP):** "A mulher tem que entrar pra valer nas CEBs. São elas que animam e sustentam as pequenas comunidades, chamadas pelos bispos, em Puebla, de "esperança da Igreja".

Sabemos que a hierarquia não reconhece muito o serviço da mulher. Mas, através do serviço, ela vai ocupando também esse espaço. É só dar tempo ao tempo".

## Direitos do Homem, 37 anos de desafios

No último dia 10 completaram-se 37 anos da proclamação, pela Organização das Nações Unidas (ONU), da Declaração Universal dos Direitos do Homem. A Carta de Princípios foi assinada por 48 Estados-membros da Organização. Registraram-se oito abstenções e dois votos não foram computados: os das representações de Honduras e do Iemen. O Brasil está entre os signatários da convenção. Naquele ano, (1948), estavam filiados à ONU 58 países. Hoje são 159 representações.

A Carta — que estabelece que todos os homens devem ter direitos e tratamentos iguais, independente de raça, cor e credo religioso — evoca entre outras aspirações, o direito à liberdade, a condições dignas de vida, a igualdade dos cidadãos perante a lei, os compromissos do Estado em relação aos indivíduos, além de condenar todas as formas de violência. E manifesta como perspectiva prioritária, o desejo de que



todas as nações se empenhem, a nível nacional e internacional, no reconhecimento e observação desses princípios. Recomenda, também, que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo em mente as metas da Declaração, se dediquem à promoção dos propósitos nela definidos.

Quase quatro décadas após a promulgação da Carta, o mundo ainda está longe de viver de acordo com suas perspectivas. A fome, o desemprego, a falta de acesso à Justiça, à educação e à moradia digna, a discriminação racial e social, a interferência de grandes potências nas nações menos poderosas, são realidades corriqueiras. Como os regimes de força, a exemplo das ditaduras que têm feito número incontável de mortos e desaparecidos. Por todas as nações vê-se exemplos de ultraje à dignidade humana. Vencê-los é um desafio que exige compromisso e convicções.

Genária, operária do ABC:

# “Onde tem povo eu estou, porque onde tem povo, tem Deus”

“Olha, eu participo de tudo. Onde tem povo eu estou, porque onde tem povo, tem Deus”, afirma Genária dos Santos da Silva, filha de lavradores, 46 anos, oito filhos, dois netos, operária no ABC em São Paulo e militante na luta dos trabalhadores, atualmente desempregada. Neste depoimento a Nilde Balcão, Genária fala do dia-a-dia de seu trabalho sindical e político. A linguagem é direta e as palavras são as da vida na fábrica. O pessoal que trabalha com o *chicote*, (na Ala 21) mexe com a parte elétrica dos carros. Faz ainda serviços de costura para tapeçaria e de embalagem dos bancos produzidos no setor. A Ala 14 cuida da montagem final dos veículos. *Cipeiro* é quem participa da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes. E assim por diante

Há 22 anos tenho uma militância com as mulheres, desde que foi fundada em Santa Terezinha, municí-

pio de Santo André, onde eu morava, a Associação das Donas-de-Casa (ADC). Trabalhei como funileira junto com meu esposo, durante seis anos, em sua oficina. Também fui faxineira e confeitadeira na Cooperativa da Rhódia.

Depois fui trabalhar na Volkswagen, e comecei pelo *chicote*. Era um serviço muito pesado; sentia que não ia agüentar. Na época em que trabalhei no *chicote* praticamente havia só mulheres nesse serviço. Minha mão sangrava muito. Minha chefe sabia que eu era costureira, e um dia me propôs mudar de atividade. Após um teste acabei indo trabalhar no setor de embalagens, na mesma Ala.

Quando cheguei na Ala 21, as mulheres não se cumprimentavam nem iam ao banheiro, por medo da chefia. Quando saí de lá, essa situação já havia se modificado. Tinha chefe que “cantava” as meninas. Havia discriminação salarial também: a gente ganhava menos e

produzia muito. Os homens ironizavam: “Como vocês conseguem produzir tanto? Fazem isso porque querem. Como mulheres vocês próprias se discriminam”.

## LIÇÕES DA GREVE

O que foi muito bom para o relacionamento das mulheres, durante a greve de 1984, foi a “operação tartaruga”. Nessa ocasião, eu procurava mostrar às companheiras que a redução do ritmo de trabalho deixava mais tempo para o diálogo, para reflexões sobre temas importantes como as razões que levam o homem a ser melhor remunerado que as mulheres. Nesse período fiz muitas amizades no setor. Quando completei um ano lá, fui convidada para fazer parte da CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes), por colegas que a integravam.

Entreí na CIPA como membro auxiliar. Logo comecei a me destacar. Os companheiros confiavam em mim; o trabalho foi seguindo. Até que houve negociação salarial na empresa. Na Ala 21 da Volkswagen tinha muita gente vinda da fábrica do Ipiranga. (Nessa fábrica a empresa mantém as unidades de Pesquisa e Desenvolvimento, além da retífica de motores.) Havia um comodismo medonho. O pessoal não estava acostumado a fazer greve. Foi duro convencê-los. Nessa ocasião, os companheiros me convidaram para participar da negociação.

Nesse setor, a fábrica tinha apenas operários do Grupo 1, (classificação que equivale à faixa salarial mais baixa dos empregados). E nós reivindicamos a criação do Grupo 2, para que houvessem aumentos de salários. Este acabou sendo o único setor onde houve greve. A confiança dos companheiros em nós foi aumentando, por causa do trabalho na CIPA e na comissão de negociação salarial. Essa experiência foi muito boa.

A negociação durou três dias, com todos os operários parados. No segundo dia eu disse: “Existem outras reivindicações a fazer, não é só a mudança de grupo”. E apontei outros proble-



A participação das mulheres foi decisiva na campanha salarial da Volkswagen, em maio último.





No destaque, Genária dos Santos, demitida durante a estabilidade que tinha como membro da CIPA.

mas. "Existem 10 chuveiros no setor que não funcionam — nem no frio nem no quente — e ninguém diz nada". Lembrei o número de funcionários que trabalhavam nas seções mais afastadas da fábrica, e demoravam de dois a três minutos para chegar aos ônibus, que se lotam e saem rapidamente. Estes tinham que aguardar a chegada de outros veículos, e levavam muito tempo para deixar a fábrica. Os que eram deficientes demoraram ainda mais para chegar à condução: cerca de cinco minutos. (A gente se preocupava muito com os deficientes, porque a fábrica usa muito essa mão-de-obra, principalmente dos cegos.) Então eu cobre: "A empresa tem assistente social para ver essas coisas". No dia seguinte o chefe foi até o setor e mostramos tudo a ele, na prática. Uma semana depois tínhamos maior número de ônibus a disposição dos funcionários; em um mês, os chuveiros estavam instalados e funcionando, e até hoje os deficientes têm uma assistência social semanal muito boa, que antes não existia. Essa fase marcou. E até hoje — agora eu estou desempregada — recebo visitas dos meus companheiros deficientes".

Em outra ocasião demitiram um operário que sofria de trombose na perna. Eu não estava no setor. Quando cheguei, ele me procurou chorando: "Genária, mandaram-me embora. Disseram que se eu não assinar a demissão será pior pra mim. Tenho quatro filhos menores, o que vou fazer?" Faltavam 40 minutos para terminar o expediente.

Sai correndo. Quando cheguei na sala da CIPA achei os médicos em greve. Encontrei um companheiro da Comissão e deixei o caso em suas mãos. Não vi mais o funcionário. Dias depois, durante o almoço, ele veio a mim, contar emocionado que a demissão tinha sido reconsiderada.

Quando os patrões perceberam nossa força junto aos colegas, decidiram me tirar do setor. Convenceram-me que precisavam de 10 costureiras, e que queriam o meu lugar de embaladora para não desempregar pessoas da fábrica 2 — homens que viriam trabalhar em nosso lugar. "Chorei muito, mas fui embora. Foi como tirar um pedacinho da minha vida. Transferiram-me para a Ala 14. Dois meses depois, fui eleita em 2º lugar para membro Auxiliar da CIPA. Passamos a fazer duas reuniões semanais, dentro da fábrica, seminários no Sindicato. Mais tarde, convidada pela CUT (Central Única dos Trabalhadores), estive em Madrid, na Espanha. Ao voltar, fui demitida com outros companheiros da Comissão, durante a greve de maio de 1985 — quando a lei nos assegurava estabilidade. Nessa greve, chegamos a fazer quatro assembleias num dia. Nas minhas possibilidades, denunciei tudo o que havia de errado".

Genária destaca: "O desemprego não é fácil. Mas o que me deixa de pé, diante dele, é o apoio moral que recebo da minha família. Até o pequenininho

entende que a mãe não pode lhe atender em tudo porque está desempregada. E há o pessoal do sindicato, sempre atencioso. O que me leva a participar são os princípios que aprendi e me marcaram muito na ACO (Ação Católica Operária), cuja essência é **ver, julgar e agir**. Eu não me envergonho de dizer que sou cristã, sou também de CEB's, e que reflito muito sobre o Evangelho".

Através do Evangelho eu consegui fazer muito na Ala 21, da Volkswagen. "Minha primeira atitude antes de começar a trabalhar era pegar o Evangelho e fazer uma reflexão. Diante disso, muitos colegas de outras religiões me cumprimentavam: "A paz de Deus, irmã". Eu respondia: "Amém!" Na última greve na Volkswagen aconteceu uma coisa linda. Os guardas estavam controlando as carteiras de identificação das funcionárias, para não deixar entrar as colegas mais combativas, como a Vandir e eu. No grupo da Ala 21 haviam colegas crentes. Eu lhes disse: "Irmãos, preciso de vocês agora. Nossa presença dentro da fábrica é importante". "Não tem problema, irmã", responderam. Oito crentes se juntaram, deram cobertura, e quando vi, estava dentro da firma. Então eu acho que a gente não pode discriminar, seja como participante da CUT, como militante de outros movimentos. Olha, eu participo de tudo. Onde tem povo eu estou, porque onde tem povo tem Deus".

# “Temos muita fé. E por isso somos capazes de enfrentar a luta”

Entrevista de Raymunda  
de Sales Pereira  
a Maristela Maffei, da AGEN  
(Agência Ecumênica de Notícias)

Como é que ocorre o processo de crescimento da consciência e de mobilização das trabalhadoras rurais? Recentemente, 200 lavradoras de Nova Timboteua, (PA), permaneceram acampadas à porta de seu sindicato para conseguir ver seu direito à sindicalização respeitado pelo “pelego” da entidade. Estas mulheres não estão sozinhas em sua caminhada. Seu exemplo foi inspirado em um anterior, dado pelo Movimento de Base da Mulher Agricultora, de Chapecó, SC, que agora, luta pelo direito da trabalhadora ao FUNRURAL desvinculada do marido, sem a condição de “dependente”.

Em praticamente todos os estados brasileiros destaca-se a atuação de movimentos de mulheres organizados no meio rural, de mulheres liderando ocupações de terras ociosas, participando de lutas e reflexões de suas comunidades. Hoje cai por terra a identificação da mulher do campo como uma pessoa reprimida, submissa, sempre rezando contas de terço à espera de dias melhores. As mesmas contas de terço continuam sendo rezadas, só que em uma outra ótica e dimensão. No meio rural, o crescimento das Comunidades Eclesiais de Base e das entidades pastorais como a CPT — Comissão Pastoral da Terra — estimulou o despertar da consciência crítica também da mulher. E ela parte para a conquista de uma vida digna motivada pela fé e firme na convicção de que “dias melhores são possíveis, basta a gente querer”, como diz nesta entrevista Raymunda de Sales Pereira.

Trata-se de uma das líderes da comunidade rural de Ibiapaba, município de Crateús, (CE). Filha de posseiros, ainda hoje posseira, Raymunda, com trinta anos, quatro filhos, está sendo



Trabalhadoras do campo na fundação de um sindicato rural: nova etapa de lutas e organização.

processada sob a acusação de ter “incitado a invasão da propriedade privada”. Mas nem assim desiste. Aqui, sua história:

TP — Como você se engajou nos movimentos de sua comunidade?

RPS — Foi a partir de 1972 que eu comecei, junto com as reuniões da comunidade de cristãos. Hoje sou representante das Comunidades Eclesiais de Base de Crateús, sou suplente da CUT Regional, participo do Movimento dos Sem Terra e também da União de Mulheres Cearenses.

TP — Como é que se dá a luta pela posse da terra no Ceará?

RPS — Em Crateús, ela depende fundamentalmente das mulheres. Nos anos de seca nós permanecemos mobilizadas, fazendo manifestações e protestos contra a fome, contra a mortalidade infantil, que é demais, e contra todo o regime implantado no nordeste.

TP — E como as mulheres se organizam?

RPS — Em Ibiapaba e em Crateús temos núcleos da União das Mulheres Cearenses, sediado em Fortaleza. Em Ibiapaba nos reunimos todos os sábados, com cerca de 90 companheiras, todas do campo. E lá discutimos todos

lha, quando cai na prostituição, é expulsa de casa. Nosso trabalho é conversar com a família. Temos conseguido o apoio dos familiares para as jovens, e até casamentos. Temos também uma família em que quatro das cinco filhas caíram na prostituição. O pai se desesperou. Levamos nosso apoio à família, fizemos várias reuniões com todos os seus membros, e hoje três dessas moças estão casadas e se dando muito bem com os maridos...

TP — Este trabalho conta com a compreensão dos homens?

RPS — Às vezes... Quando fazemos reuniões para discutir o problema levamos junto nossos maridos. Quando temos uma companheira que não participa por proibição do marido, fazemos uma comissão e vamos em grupo conversar com ele. Houve um caso em minha comunidade — outra Raimunda — que não participava porque, para seu marido, nossas reuniões eram coisa para mulher desocupada. Nessa época um de seus filhos teve um problema sério de saúde e ela ficou muito perturbada. Era filho doente, marido brigando... nossa associação prestou uma solidariedade muito grande a ela. Ao marido, mostramos qual é a nossa finalidade. Então ele concordou que ela participasse, desde que "não ficasse andando de cima para baixo" com a gente. Hoje ele já não proíbe nada. E ela é uma boa companheira na associação.

TP — E você, esta outra Raymunda, encontra dificuldades?

RPS — No início meu marido não concordava, vivia brigando. Mas depois que fiquei detida as coisas mudaram; hoje toda a família apóia.

TP — Por que você foi detida?

RPS — Aí entra a luta da mulher pela terra. Em outubro de 1984, as famílias de Ibiapaba, inclusive a minha, ocuparam uma área abandonada de açude, destinada ao Programa de Combate à Seca. A gente precisava da terra irrigada para fazer uma horta e dar de comer às crianças. O coronel Borges, responsável pela construção do açude, dizia, na época, para os homens trabalharem com fé, que a obra seria em benefício deles mesmos. E foi pensando nisso que resolvemos ocupar a área. De início, somente entramos e começamos a plantar.

TP — E depois?

RPS — Após 15 dias de trabalho, a plantação foi destruída pela família do proprietário. Nós insistimos, replantamos tudo. Uma semana depois, chegaram dois caminhões da polícia de Crateús, com soldados fortemente arma-

dos, e pela segunda vez destruíram a lavoura. Então nos mudamos para lá, ocupando a área que era da União. A polícia voltou e nos retirou à força. Éramos cerca de 46 pessoas, entre mulheres e crianças. Não quisemos que os homens viessem junto. Fomos ocupar a área e eles continuaram trabalhando como diaristas.

TP — Por que os homens ficaram?

RPS — Em Crateús, quando se trata de ocupar terra ociosa, as mulheres vão à frente e depois mandam, ou não, buscar os homens. A luta lá é muito feroz, muito tensa, e nós preferimos enfrentá-la sozinha. Foi assim que conseguimos várias vitórias: transporte do trabalho para casa, preenchimento de vagas abertas nos bolsões da seca...

TP — E depois vocês foram indiciadas em inquérito?

RPS — Éramos 18 mulheres. Fomos indiciadas, tivemos de sair da área e ir responder ao inquérito em Crateús. No dia da audiência com o Juiz, o povo da cidade organizou uma grande procissão em solidariedade a nós; foi muito bonito... No dia seguinte ocupamos a área de novo. E nossa horta comunitária está lá, alimentando nossas crianças. Continuamos respondendo ao processo, vamos ver como é que fica. As entidades de defesa dos movimentos sociais do Ceará têm manifestado apoio para o arquivamento do processo.

TP — Como é a vida no dia-a-dia da comunidade?

RPS — Nossa dificuldade de vida é muito grande. Lá, o pão de cada dia é muito difícil. Então as mulheres assumem a luta. Nós colocamos o marido para ganhar a diária e vamos fazer o trabalho de conscientização. Quem se reúne, se mobiliza e exige realmente, são as mulheres. A luta é a semente que a gente planta. E a gente tem de cultivar para ter o fruto. Descobrimos que nossa pobreza de mulheres se deve à nossa falta de organização. Já fui vítima de despejo, denunciada, já andei nos tribunais de Justiça. A nossa vida de mulheres é muito perseguida, mas muito persistente. As mulheres têm muito mais possibilidade de lutar do que os homens.

TP — Por que as possibilidades das mulheres são maiores?

RPS — Porque somos em número muito grande, somos mais sofredoras do que os homens em todos os pontos, temos força, muita fé, e por isso somos capazes de enfrentar qualquer luta. A Bíblia nos conta que as primeiras mulheres foram vencedoras, e nossa luta indica que também estamos nesse caminho.



os problemas. Lutamos muito com as mulheres marginalizadas, com as mulheres que são exploradas dentro de suas próprias casas; fazemos reuniões com as mulheres do campo, as domésticas e até com as mulheres da zona. TP — A prostituição é muito grande em Crateús?

RPS — É demais. Nos anos de seca a prostituição aumentou muito. Nós temos um grupo de reflexão sobre esse problema que se chama "O Ninho". A coordenação da equipe mora junto com as prostitutas. No interior, a situação é terrível, e os pais não querem aceitar o fato de maneira alguma. A fi-

# Os novos ministérios da mulher

Neste depoimento, *Maria Célia Rossi*, 44 anos, 5 filhos, participante de movimentos religiosos e sociais na zona Leste de São Paulo, fala da evolução do papel da mulher na sociedade. Observa que até há pouco tempo sua missão era restrita à casa e à família e que hoje, engajada em diversos movimentos, a mulher vai, ombro-a-ombro com o homem, forjando uma nova sociedade. Repartindo vitórias e derrotas.

Há alguns anos, a vida da mulher era restrita à casa e à família. Ela era considerada instrumento de reposição de força do marido e dos filhos, ficando totalmente envolvida nessa função, sem tempo para olhar à sua volta.

Com o surgimento das CEBs (que se expandiram a partir dos anos 70), começou uma nova era para a mulher. Foram-se formando grupos abertos para a realidade. Passamos a discutir nossos problemas, as necessidades do bairro, como escolas, creches, postos de saúde, água, asfalto. Engajadas em clubes de mães ou outros grupos, fomos nos conscientizando do direito que tínhamos a uma vida melhor e da força que essa união poderia adquirir na luta por melhores condições de vida para o conjunto da população. Vimos essas lutas à luz do Evangelho, que sempre foi alimento na continuação da caminhada.

A partir desse engajamento aconteceram várias mudanças. Dentro da gente - apesar das dificuldades e das muitas tarefas por fazer - havia a alegria enorme de podermos, juntas, forçar mudanças, tentar melhorar um pouco a nossa situação. Na família e no bairro passamos a discutir com mais liberdade, assumindo juntas a luta, repartindo vitórias e derrotas. (Como no dia em que o marido de uma companheira, a dona Odete, trancou-a dentro de casa para que não acompanhasse o grupo à Prefeitura, onde fazíamos reivindicações em favor do bairro. Ela pulou a janela para cumprir o compromisso assumido. Na volta estava feliz; tínhamos sido atendidas).



Lutando por uma vida melhor para todos, a mulher descobre sua força.

Lourdes Maria Grzybowski

Durante anos um núcleo de Vila Formosa reivindicou da Prefeitura a canalização do córrego Capão do Embira.

Batalhamos muito tempo sem êxito. Pessoas estranhas ao movimento não acreditavam na luta; julgavam-na perda de tempo. Hoje as obras estão sendo feitas e nós sentimos orgulho de ter persistido. Perdemos o medo do confronto com as autoridades. Descobrimos que a força da organização pode alterar as regras do poder. Percebemos que pressionando organizadamente podemos ser ouvidos pelos que comandam o poder, e, com isso, mudar os rumos de muitos acontecimentos.

Organizadas, as mulheres passaram a ter influência até na vida operária, dando apoio aos movimentos dos trabalhadores e, por vezes, até participando com seus companheiros. (Várias de nós estivemos juntas nas greves, fazendo a coleta de alimentos que ajudou a manter o ânimo dos grevistas.)

Mas também temos conflitos. Sobre tudo entre seguir o que a consciência manda ou acatar valores tradicionalmente definidos como "deveres da mulher". Muitas vezes deixamos a casa e a família, para depois sentir um certo gosto amargo dentro da gente.

No bairro, às vezes não temos respaldo. Ainda há muito preconceito. Não são poucos os que julgam que não temos o que fazer, consideram que abandonamos casa e filhos e que seremos culpadas se viermos a ser abandonadas por nossos maridos. Mas se alcançamos alguma vitória batem palmas. Tanto na comunidade quanto na política, muitos julgam que a mulher tem que se conservar em seu canto.

Porém, esses conflitos uma vez amadurecidos, nos trazem satisfação. Reafirmam nossas convicções e coragem; nos dão forças para continuar buscando as mudanças. Isso se manifesta no crescimento da importância da mulher na vida da Igreja e da comunidade. Deixamos de ser apenas um número nos atos religiosos, para nos voltarmos para a comunidade toda. Vivemos nossa religiosidade a partir da vida, incentivando o engajamento de outras pessoas nos movimentos populares. Quantas mulheres vindas desses movimentos estão na linha-de-frente, brigando pela sobrevivência, engrossando os movimentos de saúde da zona Leste, os movimentos por transportes, contra enchentes, e outros.

Quantas, na política, não lutam ao lado do povo? Quantas mulheres assumem a luta com seus companheiros, deixando de ser retaguarda, se colocando ombro-a-ombro para mudar a estrutura que aí está!

A mulher hoje exerce um novo e importante papel, quer na vida familiar, ou nos planos político, social e religioso - dando-lhes nova dimensão, colocando sua força para fora, promovendo transformações. Nosso papel é tão importante quanto o das "Parteiras do Egito", como Ruth, Joana D'Arc e muitas outras que colocaram sua sabedoria, amor e determinação a serviço do seu povo.

# Os ministérios de Débora e Jael

**Nancy Cardoso**

Uma mulher debaixo da Palmeira.  
Outra mulher com um Martelo na mão.  
Pequenos grandes detalhes da Bíblia que nos ajudam a dizer o jeito de ser mulher, cristã e brasileira.  
Uma mulher: Débora. Outra mulher: Jael.  
Dois ministérios que se impõem.  
A moldura: Juízes 5: 6 a 8.  
"naqueles dias não existiam mais caravanas, os que andavam pelos caminhos seguiam tortuosos atalhos. As aldeias estavam mortas... preferiram novos deuses... então, a guerra bateu às portas."

I — Débora profetiza, debaixo da Palmeira escuta o povo, ascuta o povo e suas histórias do dia-a-dia de desolação, da agonia da frustração da vida na terra "prometida", da submissão... da humilhação. Débora se impõe como aquela que julga: devolve a dor em forma de juízo, afirmando a promessa de terra, povo e benção.

Débora desenvolve a tarefa de ser sensível, de ouvir, de julgar e conjugar a dor do povo com a promessa de laweh. Débora — mãe em Israel. Título conquistado. Débora se faz instrumento da intervenção, da ação organizada do povo de Deus e do Deus do povo.

Ministério do juízo: "...falai dos atos de justiça do Senhor, das justiças em favor das aldeias do seu povo." (Jz 5:11)  
A moldura: Juízes 4: 14 e 15

"Então disse Débora a Baraque: dispõe-te, porque este é o dia em que o Senhor, entregou a Sisera nas tuas mãos: não vai o Senhor à tua Frente? Baraque desceu do monte Tabor, e dez mil homens com ele. E o senhor derrotou a Sisera e a todos os seus carros, e a todo seu exército...

Sisera saltou do carro e fugiu a pé."

II — Bendita seja Jael entre as mulheres que habitam as tendas.

O comandante fugitivo pediu-lhe água: leite lhe trouxe, na taça dos nobres serviu-lhe creme...

cobriu-o com a manta.

Tudo acontece muito rápido. Mansamente: uma estaca e um martelo. A força da mão frágil.

"Estendeu a mão para apanhar a estaca, a direita para alcançar o martelo



Lourdes Maria Grzybowski

Preservar a dignidade do homem mesmo em meio à miséria, um desafio à evangelização dos pobres.

dos trabalhadores. E então, matou Sisera..."

Mansamente. O ministério da estaca e do martelo. Decisão apressada, mas firme. De dentro de seu cotidiano, cercada de seus afazeres e de objetos da vida caseira e do trabalho.

Subverte o cotidiano e desfere o golpe certo naquela que representa a dominação, a ameaça de submissão e humilhação.

Mansamente. Bendita mulher.

E a terra descansou em paz 40 anos. Na vida de convivência e de luta juntamente com a comunidade metodista, e com a comunidade maior de homens e mulheres — dominados, humilhados — na Baixada Fluminense, e no exercício de ler e estudar a Bíblia juntamente com essa comunidade, principalmente formada e liderada por mulheres, dois ministérios têm saltado — da Bíblia e da vida — e rondado e habitado muitas preocupações e esperanças.

1. O de ser sensível, o de contemplar e julgar, de interferir na história de dominação, afirmando a vida, construindo

do a organização popular na luta por novas relações (de afeto, de trabalho, de poder...)

Não vai o senhor adiante de nós? Mulheres elaborando, formulando juízo. Fazendo teologia. Interferindo. Transformando.

2. O ministério da subversão da ordem do cotidiano; a capacidade de transformar o dia-a-dia no palco de luta pela vida, pela dignidade... sem modelos de militância.

O ministério de se apossar dos instrumentos do trabalho, transformá-los em arma capaz de desfazer o nó da dominação. Mansamente. Benditas mulheres.

"...Assim perecem todos os teus adversários, laweh!

Aqueles que te amam sejam como o sol quando se levanta na sua força! E a terra descansou ...descansará! muitos anos em paz.

**Nancy Cardoso Pereira** é pastora em Santa Cruz da Serra, no município de Duque de Caxias, RJ. Da igreja Metodista.

# A mulher do ex-ministro

A mulher casada com o padre que deixou o ministério hierárquico é, por assim dizer, a mais nova categoria no movimento leigo eclesial. Neste artigo, Maria Regina Albuquerque de Queiroz, militante de Comunidade Eclesial de Base e de movimentos populares em São Paulo, esposa de um ex-sacerdote, dá seu testemunho sobre a experiência.

**S**urge uma nova categoria no movimento leigo: a mulher casada com o padre que deixou o ministério hierárquico. Seu marido também não deixa de ser mais um "estranho no ninho", por sua "laicização". Aliás, a divisão classista entre clérigos e leigos que ainda vigora na Igreja é algo estranho ao cristianismo. É só ler o artigo do Pe. João Resende Costa, na revista "Vida Pastoral" (n.ºs 110 e 111): Ainda uma Igreja de clérigos e leigos? Casada com um ex-ministro de Deus, eis que a mulher, por uma ironia do destino, acaba de certo modo exercendo um novo tipo de ministério: amar e acompanhar um novo tipo de padre.

Sou casada com um ex-padre e vivo

uma experiência em alguns pontos diferente da experiência das outras mulheres casadas, pois meu companheiro passou por uma profunda mudança. Deixou um tipo de vida totalmente contrária ao casamento, tanto por sua formação como pela obrigação do celibato. Sua nova identidade como leigo, sua condição de casado, dependem, em grande parte, de minha ajuda.

Os padres em geral são tímidos e carentes, e exigem muito de sua companheira. Hoje somos muitas mulheres que vivemos essa experiência. No Brasil há cerca de 4 mil ex-padres casados. Nem todas essas mulheres, porém, se acham casadas com homens preocupados com a continuidade de sua vocação cristã. Por várias razões, muitos padres casados vivem indiferentes aos problemas pastorais e até mesmo aos sociais. A culpa talvez seja da formação muito eclesial e pouco cristã, humana e afetivamente recebida nos seminários. No meu caso, meu marido Mauro de Queiroz e eu estamos desde 1972 voltados mais do que nunca para a problemática da Igreja e do povo. Sintoma que o casamento me levou a desco-

brir uma nova dimensão da fé. Passei a me interessar pela pastoral, pelo testemunho e pela participação junto da comunidade. Minha religiosidade nem chegava a ser tradicional. Embora e porque eu estudasse num colégio de freiras na década de 60, eu nada sabia do que se passava: no Vaticano terminava o Concílio; no Brasil era tempo de lutas políticas e de repressão ao povo pelo golpe militar de 64, quando a Igreja definiu suas posições; em Medellín, o CELAM assumia a consciência da necessidade de libertação das massas oprimidas da América Latina.

Já trabalhando em escolas e vivendo na paróquia, só vim a conhecer melhor o trabalho da Igreja e os problemas sociais quando, em minha cidade, dois padres novos iniciaram uma renovação pastoral de evangelização e conscientização. Ambos encontraram muita oposição e dificuldade por optarem por uma nova forma de ser Igreja, sem o apoio de cima e por falta de uma pastoral de conjunto etc. Ambos acabaram deixando a Igreja-estrutura e se casaram depois. Um deles é meu marido.

## A BUSCA DA REALIZAÇÃO

Em 72 viemos de Minas Gerais para São Paulo e procuramos planejar uma vida cristã bem simples e autêntica. Buscamos muito uma comunidade fraterna, de fé definida e decisiva, onde fôssemos aceitos. Morando no centro da cidade, íamos à paróquia dos dominicanos onde se celebrava numa sala, com um pequeno grupo. Algumas vezes fomos nos reunir e rezar com os Irmãozinhos de Foucault em Santo André. Participamos da Fraternidade. Essa experiência foi positiva mas não satisfatória. Eu preferia morar junto a uma comunidade. Queria trabalhar num meio mais popular, com outras mulheres como eu, colaborar onde fosse mais necessária nossa participação.

Já começavam a crescer nossos três filhos (atualmente adotamos mais uma filha) e nos mudamos para a periferia de Santo Amaro, para uma vila de classe média. Ali, sem nenhuma afinidade com a paróquia local, continuamos procurando uma comunidade, peregrinando pelas igrejas. Por muitos meses íamos pacientemente às celebrações e



O celibato foi imposto aos padres pelo Concílio de Trento, encerrado em 1953.

até às reuniões da Vila Remo e da Vila Caiçara. Não pedíamos nem recebíamos nenhuma tarefa ou compromisso. Fizemos, no entanto, numerosos amigos e irmãos. Conheci muitos grupos de mulheres, suas lutas e seus problemas, enquanto nos envolvíamos naturalmente com toda a problemática dos movimentos populares, dos favelados, da política de oposição, do Partido dos Trabalhadores. Comecei a trabalhar num colégio e a me envolver no movimento sindical — meu marido é sindicalista. No momento pertencemos a uma comunidade de base, na Vila da Paz, Interlagos, onde temos uma presença discreta, mas já atuando e assumindo compromissos pastorais que nos são confiados. Outra atividade específica, onde as mulheres têm um papel muito importante, é no Movimento dos Padres Casados (MPC). De âmbito nacional, o MPC existe há mais de cinco anos e reúne os casais que querem se ajudar e ter alguma atividade comunitária. Representa, a meu ver, um grande reforço ao movimento leigo e uma alternativa bem forte dentro do ministério pastoral como serviço.

Vejo que em tudo isso, nessa busca

e nessas atividades, está presente a preocupação pela transformação social através de uma transformação dos métodos de trabalho. Aí está a importância para mim do papel da mulher nesta Igreja. Não tanto para quebrar certos preconceitos antifeministas, mas para atuar com suas idéias próprias e com seus talentos na abertura e na formação de ministérios novos. A presença da mulher é um fator de questionamento e de mudanças. Por suas qualidades ela tem muito para ajudar no crescimento de uma Igreja popular, mais sensível aos problemas e aos fatos, voltada para a Justiça, para a libertação de todos e para a defesa das minorias. Justamente as mulheres que são consideradas como uma minoria, como a parte mais fraca, embora elas sejam a maioria neste país.

Dentro de casa nossa vida é apertada por causa do trabalho, de muitos contatos e de reuniões intermináveis assumidas principalmente pelo marido. Neste caso a mulher tem que estar muito presente e ambos precisam se desdobrar muito para não prejudicar inclusive a educação das crianças. Mas continuamos acreditando com

maior lucidez na força do testemunho que nos dá a comunidade, na necessidade de questionar sempre os valores impostos. E na autenticidade das coisas que brotam como as plantas, de baixo para cima.

Assim, nosso plano inicial se fortalece. Até em decisões como, por exemplo, de não batizar nossos filhos senão quando forem mais adultos e conscientes.

O modelo que Cristo deu à sua Igreja não pode ser deformado. E não se pode formar um povo de Deus sem começar pela consciência do Batismo, da opção livre.

Eu mesma me sinto despreparada para toda essa tarefa. Como quase todas as mulheres estou chegando, e quase por conta própria, ao conhecimento do valor e da capacidade da mulher. Há muito a fazer por nós, homens e mulheres, para recuperar o que perdemos, para que as pessoas sejam realmente livres.

— Maria Regina Albuquerque de Queiroz é professora e milita na CEBs da região de Interlagos, São Paulo.

## PUBLICAÇÕES DO CEDI

Poesia Profecia Magia (Rubem Alves).....	Cr\$ 20.000
Creio na Ressurreição do Corpo (Rubem Alves).....	Cr\$ 20.000
Poetas do Araguaia.....	Cr\$ 20.000
Batismo Eucaristia Ministério.....	Cr\$ 15.000
Varal de Lembranças (Histórias da Rocinha).....	Cr\$ 30.000
Discussão sobre a Igreja (Zwinglio M. Dias).....	Cr\$ 15.000
Salvação Hoje (Mortimer Arias).....	Cr\$ 15.000
Liberdade e Fé (R. Alves e outros).....	Cr\$ 15.000
Profeta da Unidade (Júlio Andrade Ferreira).....	Cr\$ 15.000
Celebração da Vida (John Poulton).....	Cr\$ 15.000
Missão e Evangelização — suplemento 28.....	Cr\$ 15.000
Missão e Evangelização: Uma afirmação ecumênica (CMI) .....	Cr\$ 10.000
Imagens da Vida (espanhol).....	Cr\$ 10.000
Protestantismo e Polícia — suplemento 29.....	Cr\$ 10.000
Ideologia e Fé (André Dumas).....	Cr\$ 10.000
Estudos Bíblicos de um Lavrador.....	Cr\$ 10.000
Chamados a dar testemunho hoje.....	Cr\$ 10.000
Jesus Cristo a Vida do Mundo.....	Cr\$ 25.000
Missa da Terra sem Males.....	Cr\$ 50.000
De Dentro do Furacão (Richard Shaull).....	Cr\$ 30.000
O Vaticano e o Governo Reagan (Ana Maria Ezcurra) (CDHAL) .....	Cr\$ 30.000



Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI Av. Higienópolis, 983 — CEP 01238 — São Paulo-SP

# Religiosas inseridas no mundo do trabalho

A partir de 1960, grupos de religiosas saíram de suas congregações e foram morar na periferia das grandes cidades, dispostas a viver ao lado da população marginalizada pela pobreza. Após anos de atuação como animadoras de CEBs, fomentadoras de movimentos e de lideranças populares, algumas optaram por um engajamento maior. Surgiram, então, as Irmãs Inseridas no Mundo do Trabalho, que trabalham em fábricas como qualquer outro operário, enfrentam os mesmos problemas financeiros e, como as demais mulheres, têm dupla jornada: o emprego e a casa. E nesse contexto vivem seu apostolado. Aqui, o depoimento de algumas delas: Maria de Lourdes Canal e Nilce Aparecida de Oliveira, assistentes sociais, e Josefa Gonçalves, do CEDI, todas atuantes em CEBs de São Miguel Paulista.

## A INSERÇÃO DA RELIGIOSA NO MUNDO DO TRABALHO

O presente relato tem como objetivo expor as experiências de religiosas inseridas no mundo do trabalho, assim como levantar alguns questionamentos sobre esta realidade.

Ressaltamos aqui dois aspectos que

julgamos importantes para a melhor compreensão do tema. Em primeiro lugar, não estamos usando o termo comumente utilizado para caracterizar as irmãs que trabalham, isto é, "irmãs profissionalizadas". Isto porque sabemos serem as religiosas capacitadas para o trabalho, por sua própria formação como mulheres e como consagradas. Em segundo lugar, queremos deixar claro que as experiências e questionamentos aqui relatados são frutos do trabalho profissional em entidades e empresas que não pertençam à congregação, tais como escolas, colégios, asilos ou creches.

O presente estudo traçará algumas linhas sobre a realidade de opressão vivida pelos trabalhadores, a realidade das religiosas inseridas no meio popular e a inserção da religiosa no mundo do trabalho, com os conseqüentes questionamentos que afloram neste novo modo de vida.

## REALIDADE DO MUNDO DO TRABALHO

### 1. Um sistema de opressão

O trabalhador brasileiro é vítima de um sistema capitalista espoliativo e opressor, que o considera muitas vezes, como uma simples peça de reposi-

ção. Os salários auferidos pela venda da sua força de trabalho não bastam à satisfação de suas necessidades básicas como ser humano. Em 1981, numa pesquisa realizada num dos bairros da periferia de São Paulo, para detectar a qualidade de vida de sua população, encontramos um dado estarrecedor: 88% das 498 famílias pesquisadas viviam com um orçamento mensal inferior a 2 salários mínimos. E destas, 55% viviam com um orçamento mensal de até 1 salário mínimo.

### 2. Mecanismo de opressão

A força organizativa dos trabalhadores de nossas periferias está longe de representar suas necessidades básicas. O sistema de opressão usado pelas empresas beira à selvageria canibal. Do operário é sugado o suor, o sangue, a vida sua e a vida de seus filhos, pois chegando ao final do mês, o produto acabado enriquece a mesa do patrão e empobrece a sua.

Associadas à própria alienação do trabalho, pois necessita do emprego para sobreviver, encontram-se a alienação e a ideologia impostas pelos meios de comunicação social, incentivando o individualismo, a competição e a acomodação em seu próprio universo, tão restrito quanto as suas chances de vida.

Isso, sem atentar-se para atitudes mais agressivas do sistema capitalista brasileiro que impedem a organização dos trabalhadores através dos chamados "exércitos de reserva da mão-de-obra não especializada", que, nas madrugadas, se revezam nas portas de fábricas. São homens que esperam a oportunidade de matar a fome dos filhos, conquistando o emprego de outros.

Dessa forma, a espoliação selvagem, a alienação do trabalho, e a ideologia imposta pelos meios de comunicação social subjagam as formas organizativas do trabalhador brasileiro.

### 3. Formas de organização da classe trabalhadora

Não resta dúvida que, devido ao arrocho dos últimos anos, a classe trabalhadora, a partir da atuação de sindic-



Fernando A. Rodrigues

Viver no meio do povo. Opção entre teoria e prática evangelizadora.



listas autênticos no ABC, no final da década de 70, começou a vislumbrar o real panorama da situação onde está imersa. Porém, onde ainda não existem sindicatos autênticos, tentativas isoladas de alguns trabalhadores estão fadadas à repressão, à perda do emprego, à fome e à revolta solitária. É comum você encontrar trabalhadores que dizem: "Eu gostaria que as coisas mudassem, mas sozinho não posso fazer nada".

A igreja é um dos poucos espaços que o trabalhador tem para refletir seus problemas, através dos Grupos de Pastoral Operária. É um trabalho inicial de conscientização e luta por sindicatos autênticos. Depois o seu trabalho continua na fábrica, na Oposição Sindical.

É nessa periferia, no meio dos espoliados, sem vez e sem voz que se inseriram as religiosas, a partir de 1960. O apelo do Espírito se fez na voz dos que estavam do "lado de fora" da sociedade. E foi atendendo a este apelo que uma nova forma de vida religiosa surgiu.

#### A RELIGIOSA NO MEIO POPULAR

A vida religiosa inserida no meio popular caracteriza-se pela opção de assumir a vida do povo em todos os seus aspectos. Grupos de irmãs saíram de suas Congregações e se localizaram nas periferias.

Viver a vida do pobre tem implicações sociais, espirituais e religiosas importantes.

A pobreza dos votos foi substituída pela pobreza da vida. E muitos superiores, no cuidado de pouparem suas religiosas, solicitaram seu regresso aos conventos, colégios e hospitais. Porém, muitos grupos preferiram a vivência dos votos religiosos junto do povo, assumindo sua vida com todas as conseqüências.

De alguns anos para cá, já não bastou morar com o povo, animar as CEBs, criar Conselhos de Comunidades, despertar e capacitar lideranças, participar de Movimentos Populares. Era preciso algo mais que as identificasse essencialmente com o povo. Por necessidade da própria vocação ou por necessidade também de manutenção do grupo, surgem, então, as Irmãs Inseridas no Mundo do Trabalho.

#### A NOVA VIDA E SEUS QUESTIONAMENTOS.

O que difere estas religiosas que se inserem no mundo do trabalho dos ou-

tros trabalhadores? Elas levantam de madrugada, tomam o mesmo ônibus ou trens apinhados de gente, reclamam o troco do cobrador, levam na mochila a marmita, nas mãos os calos, na bolsa, a carteira assinada e a insegurança. Estão sujeitas às mesmas jornadas de trabalho que as outras companheiras, aos gracejos do chefe de seção, ao machismo inconsciente dos companheiros homens, a uma remuneração menor por um trabalho igual, simplesmente pelo fato de ser mulher. E de noite, a rotina de voltar para casa, lavar sua roupa, cuidar da limpeza, preparar o jantar e a marmita do outro dia.

Mas ela leva consigo outras coisas importantes: o companheirismo, a sensibilidade aos colegas de trabalho, um apelo interior, talvez parecido com o daquele carpinteiro que viu no seu povo uma vida que estava sendo sugada pelo capital estrangeiro e propôs uma inversão nos valores. A religiosa inserida no mundo do trabalho tem propostas, mas estas nascem de um compromisso que é vivido lado a lado, no suor que pinga dos rostos sobre a esteira de produção, na mistura repartida. Nasce daí uma forma diferente de oração. Dizia-nos uma religiosa já inserida nos meios populares que optou por um tra-

## Mulheres: discriminações ainda desafiam

A opressão de que é vítima o trabalhador brasileiro atinge de forma acentuada as mulheres. Os números expressam bem essa realidade. Em 1984, a população brasileira atingiu 128.262.206 de pessoas, segundo dados do IBGE. As mulheres (consideradas minoria, como os índios, negros e homossexuais), formaram o contingente maior: 64.684.890 contra 63.580.316 de homens. Diferença de 1.104.674 indivíduos.

Do total, 95.704.423 cidadãos entre 10 e 60 anos foram considerados "economicamente ativos". Nesse bloco, novamente as mulheres representaram a maior parcela, foram 48.694.124, enquanto os homens somaram 47.010.299. Entre as mulheres que exerceram alguma atividade remunerada em 84, a maior porcentagem ganhou até meio salário mínimo: 5.830.050 delas.

A segunda maior parcela de assalariadas (4.778.819 de mulheres) recebeu entre meio e um salário. E 4.039.319 ganharam de um a dois salários mínimos. Acima desse nível, a desproporção se amplia: somente 990.763 mulheres receberam entre 5 e 10 salários, e apenas 79.921 conseguiram vencimentos superiores a 20 mínimos. Os resultados obtidos pelos homens são melhores em todas as faixas.

O IBGE registrou a existência, no País, em 1984, de 40.961.640 mulheres com mais de cinco anos alfabetizadas, e 15.481.548 na mesma faixa, que não tiveram acesso à escolarização. Entre as do primeiro grupo, a maior porcentagem situa-se entre os 30 e 39 anos, abrangendo 6.726.984 de mulheres.

Apesar desse quadro de discriminações, o ano terminou com uma boa notícia para as mulheres do País. Na primeira semana de dezembro o Congresso Nacional aprovou lei que elimina a figura do homem como "cabeça do casal", reconhecendo a mulher nessa condição para todos os efeitos legais, quando ela representar a maior fonte de sustentação da família. Falta a sanção do presidente José Sarney para legitimar-se, **de direito**, uma situação que, **de fato**, é comum em inúmeras famílias brasileiras.

A aprovação dessa lei era uma reivindicação antiga dos organismos de representação dos interesses das mulheres. Um avanço nas conquistas às quais já se somaram a criação da Delegacia da Mulher e dos Centros de Orientação Jurídica à Mulher, além da multiplicação de entidades sociais, religiosas e de classe onde a presença feminina é fundamental. Mas persistem ainda muitas discriminações. Há inúmeras conquistas por fazer.

primeiros dias de trabalho chorava muito, tanta era a opressão que sentia dentro de mim, dentro da fábrica. Minha oração mudou muito. Antes, a oração era uma coisa de rotina. Agora eu precisava rezar. Rezar a vida. A minha vida, a vida de jovens, homens e mulheres que se consumiam no trabalho, para não se consumirem de fome". E outra, funcionária de um hospital de periferia, confidenciava às companheiras inseridas no meio do povo: "Estou lá. Lá onde sangra a chaga do capitalismo. Onde o homem mal nutrido traz o filho já quase sem vida. É onde o homem se sente nu, despido de tudo, até da vida. E ele chega mendigando do Estado uma coisa que o capitalismo lhe roubou, a vida".

E de repente, percebe-se que a linguagem usada pela Igreja, por mais próxima que esteja do povo, é ainda a sua linguagem.

Fala-se do pobre, da opressão, da espoliação. Mas é preciso mais que isso. Uma religiosa inserida nesse contexto dizia: "A partir de minha experiência, percebi que estamos na epiderme do problema. Nossa linguagem não atinge o cerne, o coração do povo. Muitas vezes, depois de uma semana de trabalho não tenho forças físicas ou psicológicas para uma reunião de pastoral. E isso é exigido do leigo". A par-

tir dessa afirmação, chegamos à conclusão de que é necessário aproveitar essas experiências, refletir mais demoradamente. A população de trabalhadores no Brasil, incluindo campo e cidade, ultrapassa a casa dos 90%. É preciso adequar a nossa mensagem às necessidades dos trabalhadores, a partir da sua realidade, de dentro de sua vida, porque senão estaremos falando a nós mesmos, tentando manter um sistema, uma hierarquia que não os interessa.

#### A DIFÍCIL CAMINHADA

Desde que assumiu seu lugar com os pobres, na caminhada histórica destes últimos 20 anos, a religiosa foi descobrindo que é dentro dessa dinâmica de inserção que as palavras de Jesus vão se tornando realidade em sua vida. Ela tem plena consciência de estar vivendo um processo, um movimento histórico que não se pode definir de antemão e que não é definitivo, pronto, acabado, mas se vai forjando a duras provas, na fidelidade contínua ao apelo de Deus, através dos fatos e no redobrado esforço de sustentar o **novo** que vai surgindo nesse jeito de viver a vida religiosa.

A cada instante surgem novas situações, questionamentos e apelos: em cima de um caminhão de bóias-frias,

acampada à beira das estradas com os "sem terra", na fábrica, nas CEBs, nos Sindicatos, nas greves, catando papelão no lixo. Negra com os negros, índia com os índios, "irmã" dos pequenos, a religiosa se descobre peregrina, nômade muitas vezes, retirante sem segurança, sem teto, sem vez e sem voz. Sua missão é ditada pelo próprio Cristo. É junto aos miúdos, os pequenos, os frágeis da História, marginalizados pelos "grandes do sistema", mas prediletos de Jesus. É a tarefa insana de resistir, resgatar e garantir os pobres.

Resistir para não ser submerso, exterminado da História, como no processo indígena. Resistir com os pobres, os espoliados, porque são esses os únicos capazes de inverter a ordem, de mudar o rumo da sociedade, porque só eles acalentam o sonho de um mundo irmão.

Caminhando lado-a-lado com o pobre para resgatar seu direito como pessoa humana, a religiosa resgata sua própria identidade, tomando consciência dos seus direitos e seu espaço como MULHER CONSAGRADA numa sociedade de consumo, onde não obstante se apegoem "direitos iguais" e "libertação", a mulher e a religiosa têm plena consciência de que seus mingua-dos direitos vêm como uma concessão, um privilégio, discriminadamente ditado por falsos critérios de capacitação, por interesses de manter o sistema de dominação onde a mulher e a religiosa sempre foram instrumentalizadas.

É necessário garantir esse **novo** que vai nascendo do conflito permanente entre um modelo anterior de vida religiosa e a inserção na caminhada histórica do pobre. Para isso, a religiosa inserida busca hoje articular-se a partir das bases de atuação, visando criar um corpo solidário, criativo, dinâmico que envolva todas as pequenas comunidades de religiosas em meios populares.

Vivendo em pequena comunidade, a religiosa inserida se sente solidária nas lutas e anseios dos pobres com quem convive. O que caracteriza essa nova fórmula de vida religiosa, não é mais a congregação, mas a inserção na luta e sofrimento do povo. A oração é feita a partir da realidade da vida sofrida, encontra uma nova dimensão, brotando mesmo da aceleração da vida em todas as suas dimensões: na dor, no sofrimento, na alegria da partilha do pouco que se multiplica no amor e na simplicidade do pobre, que sente Deus vivo, presente em todas as horas da sua vida.



Lourdes Maria Grzybowski

Com as demais trabalhadoras, as religiosas operárias também conhecem a dupla jornada: o serviço e as obrigações do lar.

# Mulher: o cardeal reforça o machismo

A visão do cardeal Joseph Ratzinger - em seu livro "A crise da fé" - sobre a questão feminina, é machista, segundo afirma, neste artigo, a escritora Rose-Marie Muraro. Ela nega a concepção de que a mulher queira tornar-se igual ao homem e destaca o específico da condição feminina que é a geração e a defesa da vida.

Com referência à mulher, Ratzinger reduz o problema da libertação feminina a uma "total equiparação entre homem e mulher" (p.94). Segundo ele, isto traz uma "banalização da especificidade sexual, tornando intercambiáveis todos os papéis entre homem e mulher" (95). Isto seria causado por algumas rupturas fatais entre as quais aquela entre sexo e reprodução, pelas quais o sexo não aparece mais como "uma característica determinada, uma orientação radical originária da pessoa" (94). Esta fuga da "escravidão da natureza" torna esses papéis "determinados pela história, pela cultura e não uma especificidade natural inscrita na profundidade" do ser humano (95). Seu discurso é todo baseado na "defesa da natureza" (96).

Segundo ele, essas idéias estendem-se à própria idéia de Deus e se alargam a toda realidade religiosa (96). Crítica o conceito usado pelas religiosas feministas de que Deus é Pai e Mãe (97), dizendo que não somos autorizados a transformar o Pai Nosso em Mãe Nossa. E a impossibilidade de transformar esta relação entre Cristo e o Pai em seu caráter exemplar é que torna impossível a aceitação do sacerdócio feminino. "Para a Igreja, a linguagem da natureza é também a linguagem da moral (dois sexos distintos e complementares); "respeitar a biologia é respeitar o próprio Deus e, portanto, salvaguardar as suas criaturas" (97).

Por isso, a libertação feminista é oposta à libertação cristã. "Maternidade e virgindade tornaram-se valores opostos aos dominantes. Isto masculiniza a mulher, fazendo-a entrar sob o

controle da sociedade machista" (99).

Segundo ele, esta mentalidade feminista está nos conventos, especialmente na América do Norte, afetando menos as ordens contemplativas (dedicadas a atividades mais radicais e imodificáveis pelo tempo) e mais às ativas, causando-lhes grande crise de identidade, que seria compensada seja pela projeção no externo (segundo uma dinâmica machista de ação, política etc.) seja no interno, impregnando-a de uma "liberação" baseada na psicologia profunda (psicanálise etc.). "Perdem-se nos mecanismos do funcionamento da alma, esquecendo-se da finalidade puramente espiritual de

sua vocação" (101). Daí a grande baixa de vocações nesses países. Assim, quando os papéis inscritos na natureza são negados, é a própria mulher que sofre, inclusive a religiosa.

A Igreja - que é do gênero feminino e, portanto, "vive o mistério da maternidade, da gratuidade, da beleza, da contemplação" - hoje está "reduzida à ideologia do fazer, segundo aquela ideologia duramente machista e que, entretanto, é apresentada como mais próxima das mulheres e das suas exigências 'modernas'" (104).

A estas crises, o cardeal apresenta como antídoto um modelo, Maria. "É preciso voltar a Maria se se quer voltar

## O protesto das mulheres católicas

O chefe da delegação da Igreja Católica para a Conferência da ONU sobre a mulher, realizada em julho passado, em Nairóbi, Quênia, foi um homem. As mulheres católicas participantes enviaram ao Vaticano a seguinte nota de protesto sobre este e outros fatos ligados à presença da mulher na Igreja. Eis a nota do jornal **Fórum 85**, traduzida pelo jornal **Mulherio**:

"No Fórum/85, mulheres católicas romanas de todos os continentes participaram de seminários, diálogos e encontros informais para examinar os temas da Década da Mulher: igualdade, desenvolvimento e paz. Nesse processo, partilhámos a experiência comum de discriminação contra as mulheres em nossa Igreja. Estamos de acordo com relação aos seguintes pontos:

- A Igreja encoraja as mulheres a ocuparem seu lugar no mundo, mas não na Igreja: não lhes é permitido pregar.

- As mulheres são excluídas da tomada de decisões, especialmente quando as questões as afetam diretamente.

- As teólogas não são convidadas a participar em igualdade com os homens em comissões teológicas.

- Nós, mulheres da Igreja, podemos falar por nós mesmas. É ofensivo que o chefe da delegação de nossa Igreja na Conferência da ONU para encerramento da Década da Mulher seja um homem.

- Pedimos que as mulheres sejam incluídas, em igualdade com os homens, no sínodo sobre o laicato, previsto para 1987.

- Pedimos ao Vaticano que se junte às nações que já ratificaram a Declaração para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres. Pensamos que a omissão da Igreja Católica Romana na defesa dos direitos humanos, dentro de suas próprias estruturas e práticas, desmoralizam o apelo da Igreja por justiça em nosso mundo".

à verdade sobre Cristo, a Igreja, o homem" (106). Entre as razões apontadas pelo cardeal, duas nos parecem importantes: 1. Maria seria antídoto do modelo que vê a Igreja "como instrumento de um programa de ação sócio-política" (107), pois, em Maria, a Igreja reencontra o seu rosto de mãe; 2. Com seu destino de Virgem e Mãe, "Maria continua a projetar luz sobre aquilo que o Criador teve como intenção para as mulheres de todos os tempos, inclusive o nosso" (109) "onde está ameaçada a própria essência da feminilidade". A sua virgindade e a sua maternidade são "as raízes do mistério da mulher, para um destino altíssimo, do qual não pode ser despojada (109). Maria é a intrépida anunciadora do **Magnificat**, mas é, com ela, também, que se torna fecundo o silêncio e o ocultamento". "Criatura de coragem e da obediência é, ainda e sempre, o exemplo ao qual todo cristão, homem ou mulher, pode e deve imitar" (111).

Reduzir a libertação da mulher a ser igual ao homem é exatamente o oposto daquilo que as mulheres querem, que é a mesma dignidade, respeitadas as diferenças. Sempre se usou a natu-

reza para se oprimir as mulheres e os pobres (é natural que uns tenham nascido para ser escravos e outros para serem senhores, segundo Aristóteles; é natural que a mulher seja só mãe e esposa, etc.). Tornar intercambiáveis os papéis sexuais significa que sejam rompidos os estereótipos que impedem o homem de sentir, de chorar, de ser menos competitivo e duro, atribuídos antes alocados apenas às mulheres, e dar a estas capacidade de criatividade, iniciativa etc., atribuídos antes alocados aos homens.

Hoje, quando a mulher entra nas estruturas sócio-políticas, ela o faz de maneira diferente do homem, trazendo a sua especificidade de mulher que é a defesa da vida. Ela constitui, nos países periféricos, o grosso dos movimentos de defesa dos pobres (comunidades de base, movimentos de bairro etc.). Assim, é machista a concepção de que a mulher quer tornar-se igual ao homem. Não! Queremos trazer o nosso específico que é a geração e a defesa da vida, para impedir que esta situação terrível piore e isto enquanto é tempo.

Nesta mesma linha, o cardeal não se referiu uma única vez às religiosas

que, ao invés de crise de identidade, encontraram-na, nos países do Terceiro Mundo, no trabalho e na vida concreta com os pobres que são a quintessência do Evangelho.

Assim, é machista uma concepção que vê a Igreja apenas como Mãe. Nesse sentido, foi ela Mãe quando permitiu, no continente americano, a escravidão de milhões de negros e o genocídio de outros milhões de índios? É ela Mãe quando impede os seus filhos de lutar, em nível estrutural, contra as injustiças, uma vez que, historicamente, nunca deu certo lutar de maneira espiritual e "maternalista"?

Coragem e obediência - respondemos ao cardeal - devem ter homens e mulheres à radicalidade do Evangelho para que não se omitam neste momento em que a própria existência da espécie está ameaçada. Seria isto que Maria do **Magnificat** e do **fiat**, a ser mãe virgem em uma sociedade machista, teria feito?

Rose-Marie Muraro é escritora feminista, autora do livro "Sexualidade da Mulher Brasileira", Vozes, 1984.



## MEMÓRIA: PARA OS LEITORES DAS PUBLICAÇÕES DO CEDI

O Programa de Documentação elaborou uma bibliografia completa sobre todas as publicações editadas pelo CEDI até hoje. A primeira dessas bibliografias foi o **Memória 6 - Publicações do CEDI - 1965/1983**; a segunda foi o **Memória 9**, que abarcou o período 1983/1984 e estamos lançando agora a terceira, **Memória 11**, cobrindo o período 1984/1985.

Para você assinante antigo, estes **Memórias** podem ser extremamente úteis, pois facilitam a consulta de suas coleções, por tema e autor.

Para os novos assinantes, será um recurso ágil para solicitação de artigos publicados antes da assinatura de nossas publicações. Esses **Memórias** indicarão em que volume, número e página, de que publicação, encontra-se a matéria que você procura.

O preço de cada volume do **Memória** é de Cr\$ 15.000. O pacote com os três números custa Cr\$ 35.000. Preço de cada **Memória** para o exterior: US\$ 8,00.

Envie seu pedido, acompanhado de cheque nominal, para o CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação - Rua Cosme Velho, 98 - Fundos - CEP: 22241 - Rio de Janeiro - RJ.

Aconteceu Especial 15

## POVOS INDÍGENAS NO BRASIL/ 1984

Uma leitura indispensável para todos que apóiam a luta dos povos indígenas por direitos permanentes.

Notícias sobre 165 povos.  
23 comentários assinados,  
21 mapas,  
26 quadros e 90 fotos.  
Fontes diretas e  
mais 55 jornais.



332 páginas  
Cr\$ 55.000

Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI (Av. Higienópolis, 983. CEP: 01238 - São Paulo - SP).

# Os trabalhadores e a constituinte

## Movimento dos Sem Terra

### 1 — O que é Constituição

Todas as nações estabelecem um conjunto de regras para regular o relacionamento entre as pessoas, regular os poderes das instituições e do Estado. São as LEIS.

Mas quem é que faz essas leis?

De acordo com cada tipo de sociedade foi-se criando uma forma diferente de fazer as Leis. No início, as Leis nem eram escritas, dependiam apenas de combinações entre os grupos. Depois, com os REINADOS E IMPÉRIOS, tudo dependia da vontade do Rei. Com o avanço da humanidade foram-se modificando as formas de se fazer as leis. Aos poucos deixaram de ser feitas apenas por um homem, o Rei. Passaram a ser elaboradas por um grupo de homens. Surgiu uma instituição chamada PARLAMENTO, que reúne os homens que fazem as Leis. Aqui no Brasil esse colegiado é conhecido como CONGRESSO NACIONAL onde se reúnem os deputados e senadores. A forma como se escolhe esse grupo de homens encarregados de fazer as Leis, também foi mudando, com o tempo.

Os homens escolhidos para o CONGRESSO estabelecem primeiro uma

LEI GERAL, chamada de CONSTITUIÇÃO. Dessa Constituição, que é também chamada de CARTA MAGNA, LEI MAIOR, etc... derivam todas as outras Leis menores, que têm de estar de acordo com ela.

Então, a Constituição é o conjunto de Leis mais importantes que o País tem. É a lei fundamental e suprema de um país, que estabelece as normas sobre os poderes públicos, formas de governo, direitos e deveres das pessoas.

Nessa Lei Geral se refletem os interesses econômicos, sociais e políticos de toda a sociedade. No fundo, é uma espécie de grande acordo, de um grande CONTRATO, entre as diversas classes existentes na sociedade, de acordo com a força e representatividade de cada uma. Por outro lado, a LIBERDADE das pessoas num país, se mede pela participação que possam ter na elaboração dessas leis, dessa regras que regulam o destino da Nação.

### 2 — História das Constituições do Brasil

Desde o seu descobrimento, em 1500, até hoje, no Brasil existiram SEIS CONSTITUIÇÕES e UM arremedo de CONSTITUIÇÃO, como se poderia chamar de sétima Carta Magna. Vamos ver, então, como essas LEIS GERAIS foram feitas ao longo da História.

#### 2.1. 1500 a 1822

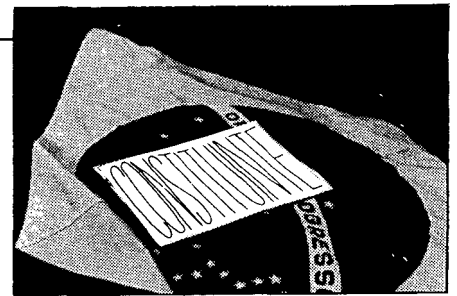
Durante esse tempo todo o Brasil era uma colônia de Portugal. Portanto não era um País independente. TODAS as leis que vigoravam no BRASIL eram feitas em PORTUGAL. E como Portugal era uma nação que, naquela época, funcionava como um sistema de governo chamado de MONARQUIA, quem fazia as Leis era o MONARCA, ou seja, O REI.

#### 2.2 — Primeira Constituição Brasileira: 1824

##### Quem fêz:

Como em 1822 o BRASIL ficou independente de PORTUGAL, o novo imperador, D. Pedro I, resolveu convocar uma eleição para escolher 100 DEPUTADOS que escreveriam as Leis para o País, as quais depois, ele, Imperador, aprova ou não.

Para eleger esses 100 parlamentares só podia votar quem tivesse mais de 25 anos, e ganhasse mais de 200 mil réis por ano. Para ser candidato, o interes-



sado tinha que ter um ganho anual de 400 mil réis.

Resultado: foram escolhidos apenas grandes comerciantes e grandes latifundiários. Os negros, os pobres, os analfabetos, as mulheres e os menores de 25 anos não puderam votar nem se candidatar.

##### Como foi:

Havia três tendências políticas entre os grandes da época, que poderiam ser comparadas aos partidos de hoje. Uma era dos ARISTOCRATAS, liderados por José Bonifácio, que queria simplesmente copiar as leis de Portugal. Outra era a tendência "DEMOCRÁTICA" que queria um regime mais federalista, em que as províncias tivessem mais autonomia em relação ao Imperador, para fazer suas leis. Uma terceira era o "PARTIDO PORTUGUÊS", que tinha sua base nos militares funcionários públicos e comerciantes portugueses.

Depois de eleitos os deputados, houve muita briga entre essas tendências. Então em novembro de 1824 o Imperador dissolveu a Assembléia e impôs uma CONSTITUIÇÃO que tinha encomendado a um grupo de conselheiros seus. (Continua no próximo número.)

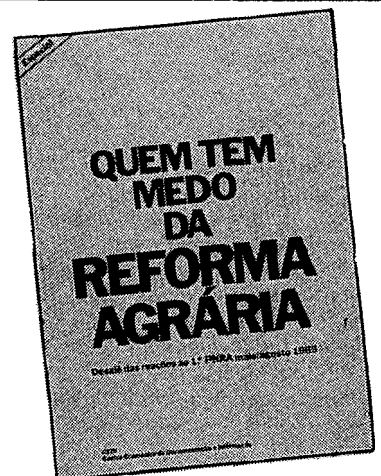
## DE DENTRO DO FURACÃO



Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação, primeiro volume da coleção "Protestantismo e Libertação".

Cr\$ 30.000

Pedidos através de cheque nominal para o CEDI



Dossiê das reações ao 1º Plano Nacional de Reforma Agrária

Cr\$ 25.000

Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI.

# O escândalo do 'apartheid'

A posição das Igrejas da África do Sul diante do escândalo do regime racista do 'apartheid' é o tema deste comentário de Jether Pereira Ramalho. Depois de participar em Harare, Zimbabwe, em setembro passado, de um encontro sobre ética cristã e Justiça, onde ouviu o testemunho dos cristãos sul-africanos, ele destaca a força destes homens e mulheres contra o ódio institucionalizado do racismo.

**P**atrocinado pela Comissão de Participação das Igrejas no Desenvolvimento do Conselho Mundial de Igrejas realizou-se em Harare, Zimbabwe, de 9 a 14 de setembro, importante reunião para discutir a temática "A crise da ética cristã frente à luta pela justiça", tomando como enfoque especial a situação dos países da parte sul da África.

Participaram cerca de 50 pessoas provenientes das diversas redes regionais de CPID, América Latina, Ásia, Europa, Austrália, Estados Unidos e África. Durante uma semana os participantes visitaram os diversos projetos das igrejas de Zimbabwe no sentido de compreender a forma de compromissos dos cristãos na recente luta de libertação daquele país e no atual projeto de construção de uma nova sociedade.

Os temas principais da conferência foram: "Os desafios econômicos para a ética cristã", "O papel da mulher na luta pela justiça", "O papel do jovem africano na atual crise da ética cristã" e especialmente a dramática situação da África do Sul e Namíbia. As exposições dos representantes dos Concílios de Igrejas desses países retrataram a inominável situação de injustiça e a violenta agressão que sofre o seu povo e o que isso significa de desafio para as Igrejas e cristãos na atual conjuntura. É bom recordar que aqueles que defendem a política do "apartheid" procuram justificá-la também com suposta base bíblico-teológica.

Pelo vigor da sua posição teológica, pela clareza da sua análise publicamos, em seguida, um extrato do importante documento apresentado, na referida reunião, pelo grupo representante das Igrejas da África do Sul.



Negros socorrem feridos após mais um confronto com a polícia.

## A POSIÇÃO DAS IGREJAS DA ÁFRICA DO SUL FRENTE AO "APARTEID"

Dizer que agora a Igreja deveria incorporar-se inequivocamente e consistentemente ao grupo dos pobres e oprimidos seria ignorar o fato de que a maioria dos Cristãos da África do Sul já o fez: pois a maior parte da Igreja sul-africana é pobre e oprimida. Evidentemente, não se pode tomar como natural que todos os que estão sendo oprimidos participam da luta por sua libertação. Tampouco podemos pretender que todos os Cristãos oprimidos estejam conscientes de que a sua Causa também é a Causa de Deus. Contudo, a Igreja está de fato no grupo dos oprimidos, porque entre eles se encontra a maior parte dos seus fiéis. A Igreja, em sua totalidade, precisa apenas apropriar-se deste fato e confirmá-lo.

A crise atual vem acentuando as divisões dentro da Igreja. Estamos divididos, exatamente porque nem todos os membros de nossas Igrejas têm querido participar da luta contra a opressão. Em outras palavras, nem todos os Cristãos têm querido unir-se a Deus "que sempre está do lado dos oprimidos" (Salmo 103:6). Quanto à crise que nos afeta, há um só caminho a seguir

para unir-se à Igreja: que os Cristãos que ainda estão do lado dos opressores ou à margem como observadores, atravessem para o outro lado e se unam à fé e ação de seus irmãos oprimidos. Unidade e reconciliação dentro da Igreja só são possíveis ao redor de Deus e Jesus Cristo que estão entre os pobres e os oprimidos.

Posto que a Igreja deve ser assim, e que este é o plano que a Igreja, em sua totalidade, vai adotar, que medidas vão ser tomadas para executá-lo concreta e efetivamente?

Os Cristãos que ainda não tenham participado da luta pela libertação deverão fazê-lo agora. As campanhas do povo, desde os boicotes do consumidor às greves, necessitam todo o apoio e estímulo que a Igreja possa dar-lhes, e às vezes também críticas. Em outras palavras, a crise atual é um desafio para toda a Igreja, para que evolua até uma dimensão mais avançada, ou seja, de um puro "clínico ambulante" a um ministério de envolvimento e participação total.

A Igreja tem suas atividades bem específicas: cultos dominicais, comunhão, batismo, escola dominical, funerais, etc. Do mesmo modo, tem uma maneira bem específica de expressar a sua fé e sua dedicação, por exemplo, na forma de confissões de fé. Todos estes atos devem transformar-se em algo muito mais consistente com a fé profética relacionada ao KAIROS que Deus nos oferece hoje. As forças malignas aludidas no batismo devem ser nomeadas. Na África do Sul já as identificamos. Devemos especificar a unidade e a partilha que professamos em nossos serviços de comunhão ou na Missa. A solidariedade com o povo é que convida todos a juntarem-se na luta pela Paz de Deus na África do Sul. Devemos nomear o arrependimento que pregamos. O que temos hoje em nosso país é o arrependimento de nossa participação na culpa de todo o sofrimento e opressão.

## A IGREJA NÃO DEVE CONVERTER-SE EM UMA TERCEIRA FORÇA

Afora suas atividades regulares, a Igreja precisaria empreender alguns programas especiais, de caráter prioritário, tais como projetos e campanhas que possam identificar-se com as necessidades reais da luta pela libertação.

ção da África do Sul na atualidade. Temos, porém, que proceder com cautela. A Igreja deve evitar, a todo custo, converter-se numa "Terceira Força", ou seja, uma força entre os oprimidos e o opressor. Os programas da Igreja não devem duplicar o trabalho que as organizações populares já estão fazendo, nem deve a Igreja - o que seria ainda mais grave - desorientar o povo ao organizar programas que pudessem estar em conflito com as lutas das organizações políticas que representam autenticamente os agravos e aspirações do povo. Serão necessárias consultas, coordenações e cooperações. Todos aspiramos aos mesmos fins, embora nos diferenciamos quanto ao significado ulterior do objetivo da nossa luta.

### A DESOBEDIÊNCIA CIVIL

Uma vez que todos concordemos que o regime atual não é legítimo moralmente e que se trata de uma tirania, a Igreja deverá ajustar as suas atividades. Em primeiro lugar a Igreja não pode colaborar com tirania. Não pode e não deve fazer nada que pudesse reconhecer um regime ilegítimo. Em segundo lugar, a Igreja não deveria limitar-se unicamente a orar por uma mudança de governo, e sim deveria mobilizar todos os seus fiéis, em cada paróquia, para que comecem a traçar um plano de ação para uma mudança de governo na África do Sul. Devemos projetar nossas reflexões no futuro e começar a trabalhar agora com esperança e fé para um melhor porvir. Finalmente, a ilegitimidade moral do regime do "apartheid" significa que a Igreja deverá, por vezes, estar implicada em desobediência civil. Uma Igreja que assume seriamente suas responsabilidades deverá, em certas circunstâncias, confrontar-se e desobedecer ao Estado para obedecer a Deus.

### A IGREJA DEVE DEFINIR-SE CLARAMENTE

O povo se dirige à Igreja para conselho moral, sobretudo em meio à crise que nos envolve. Antes de poder dar conselho a alguém, deveria a Igreja definir muito claramente seu desempenho e nunca se cansar de explicar e dialogar sobre ele. Deve ajudar o povo a compreender seus direitos e suas obrigações. Não deve haver nenhum mal-entendido sobre o **Dever** moral de todos os oprimidos de resistir à opressão e lutar pela libertação e justiça.

A Igreja também se dará conta de que às vezes precisará moderar excessos e chamar a atenção dos que atuam loucamente e sem sentido.

A Igreja de Jesus Cristo não pretende ser um baluarte de prudência e moderação. A Igreja deveria desafiar, inspirar e motivar o povo. Tem consigo a mensagem do calvário que deveria inspirar-nos a fazer sacrifícios para a libertação e justiça. Tem também uma mensagem de esperança que nos incita a despertar e atuar com esperança e confiança.

A Igreja deve pregar essa mensagem não apenas com palavras, sermões e pronunciamentos, mas também mediante seus atos, programas, campanhas e serviços divinos.

O desafio para renovar e agir, que mencionamos e repisamos nestas linhas, dirige-se à Igreja. Isso não quer dizer que ele vise exclusivamente os líderes da Igreja. Este desafio de fé e de nosso KAIRÓS atual está principal-

mente dirigido a todos nós, Cristãos. Nenhum de nós pode, muito convenientemente, esperar que o líder, ou seja quem for, nos diga o que temos a fazer. Todos devemos aceitar a responsabilidade de nossas ações e nossa vida cristã nestas circunstâncias.

Em nossa capacidade de teólogos, nossas próprias reflexões nos têm desafiado, bem como as idéias e descobertas que temos intercambiado em nossas reuniões, em grupos pequenos e maiores, para preparar este documento. O desafio procede do próprio Deus que o dirige a todos nós. A presente crise que está sofrendo KAIRÓS é verdadeiramente uma visita de Deus.

Jether Pereira Ramalho é membro do Conselho Editorial de **Tempo e Presença**.

## De São Paulo, um protesto contra a segregação.

Entidades religiosas, sociais e representativas de classes, partidos políticos, sindicatos, artistas e esportistas, realizarão em São Paulo, no próximo dia 17, um ato público de repúdio ao *apartheid* - a política de segregação racial imposta pelo governo da África do Sul, controlado pela minoria branca do país. (A nação é formada por 4,5 milhões de brancos e 25 milhões de negros e mestiços). A manifestação será realizada na Praça da Sé, a partir das 18h, e terá início com a celebração de um culto ecumênico pelo respeito à vida e pelo reconhecimento dos direitos de cidadania da população negra sul-africana.

A seguir, o ato se transformará em um "comício-show" para o qual, segundo Ramaury Justino, secretário do Comitê Negro Estadual Contra o Apartheid, já estão confirmadas as presenças de representantes de todos os partidos políticos, das centrais sindicais CUT e Conclat, do Centro Santo Dias de Direitos Humanos, da Comissão de Justiça e Paz, OAB/SP e ABI/SP. Além dos cantores Gilberto Gil, Milton Nascimento, Djavan, Caetano Veloso, Chico Buarque, Léo Jaime, Lulu Santos, Rita Lee, Blitz, Paulinho da Viola, Ivone Lara, Sérgio Reis, Zezé Mota, Bezerra da Silva, Fafá de Belém, Elba Ramalho, Tetê Spindola,

Alceu Valença, Pepeu Gomes, Baby Consuelo e os jogadores Wladimir, Serginho, Luís Pereira, Sócrates, Zico e Falcão.

No último dia 26 uma comissão composta por artistas e parlamentares visitou o cardeal D. Paulo Evaristo Arns para convidá-lo a participar da organização do ato. O Cardeal comprometeu-se a convocar a Comissão Ecumênica da Arquidiocese para a organização da celebração do culto e assegurou a divulgação da manifestação em todas as paróquias da cidade.

Entidades de movimentos negros dos estados do Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Alagoas, Goiás e Mato Grosso já estão programando concentrações semelhantes. O objetivo dos autores da iniciativa é dar dimensão nacional ao movimento para que o governo federal tenha respaldo popular para romper as relações diplomáticas e comerciais com a África do Sul, informa Ramaury Justino. "O Brasil é a Nação de maior população negra, depois da África do Sul. Foi o primeiro País a reconhecer a independência de Moçambique. Tem de ser coerente agora e romper qualquer relação que ainda mantenha com um governo que instituiu o genocídio contra os negros", diz ele.

# “A Ofensiva da CLAT no Brasil”

Em relação ao artigo “A Ofensiva da CLAT no Brasil”, publicado na edição de outubro, “Tempo e Presença” recebeu uma carta do sindicalista Tibor Sulik, que a seguir publica na íntegra.

Rio de Janeiro,  
14 de novembro de 1985

Prezado amigo  
José Ricardo Ramalho  
Tempo e Presença

No artigo publicado na revista Tempo e Presença, número de outubro, à página 23, sob o título “A Ofensiva da CLAT no Brasil” consta o meu nome e do companheiro Ruy Brito como seus representantes no Brasil.

Confesso que fiquei surpreso com a vinculação do meu nome e do companheiro Ruy Brito. Não sei se é uma ofensa ou elogio. Deixo isto por conta da consciência de cada um.

Entretanto, como recebi de vários companheiros que me conhecem, há muitos anos, telefonemas pedindo que respondesse, passo a fazê-lo.

Primeiramente devo esclarecer que não tenho a representação oficial da CLAT - Central Latino-americana de Trabalhadores no Brasil, mas concordo com a sua proposta sindical. Conheço os companheiros Emilio Maspero, Eduardo García, e outros nomes que não foram citados, pertencentes aos quadros dirigentes da entidade.

Estes dois e outros, são antigos jocistas, que hoje militam no campo sindical. Emilio Maspero conheci no I Congresso Latino-americano da JOC realizado no Rio de Janeiro em 1952. Aqui esteve como representante da JOC Argentina. Eduardo García conheci em Havana-Cuba em 1957, como dirigente nacional da JOC Cubana. Há também outros antigos jocistas entre os quadros dirigentes da CLAT. Digo isto para esclarecer o meu relacionamento com essas pessoas, e também a minha admiração por eles que, depois de tantos anos, perseveraram na militância sindical inspirados pela fé em Cristo e nos ensinamentos sociais cristãos que tem a sua frente no Evangelho.

A origem das acusações conheço também, é antiga. Trata-se dos “companheiros

de caminhada” ativistas ligados a CPUSTAL-Congresso Permanente de Unidade Sindical dos Trabalhadores de América Latina). Companheiros com os quais convivi no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo nos anos 50. Juntos lutamos durante as greves, unidos no mesmo ideal de promoção da classe operária e a obtenção de reivindicações salariais e outros direitos para os trabalhadores. Alguns destes “companheiros de caminhada” como Eugênio Chemp e Remo Forli, já morreram (Remo Forli foi presidente do Sindicato).

Estes nunca negaram de que a CPUSTAL, adota a linha ideológica marxista-leninista e na América Latina representa a FSM (Federação Sindical Mundial) sob o controle até hoje da Rússia. A sua linha de atuação foi sempre aqui no Brasil de infiltração. Conduta diferente como por exemplo no Chile - Uruguai, Perú etc, onde se constituíram em Centrais Sindicais próprias, portanto contribuindo para a divisão do movimento operário e mais, atrelando o sindicato ao respectivo Partido Comunista.

A pergunta que me vem é: Será que não estão querendo fazer o mesmo no Brasil, utilizando como contraponto a CLAT? Não foram estes “companheiros” de caminhada que em 1982 quando da realização em São Paulo da CONCLAT, tendo como um dos objetivos a criação da CENTRAL ÚNICA DE TRABALHADORES, fizeram “tenda” a parte? Não podendo ter o controle majoritário, preferiram “dividir” o movimento operário, fundando uma outra entidade, a CONCLAT. O que estou afirmando, quem participa do movimento operário como eu, há 40 anos, conhece a conduta política destes “companheiros de caminhada”.

Quanto à afirmação de que a CLAT enfraquece o trabalho das Pastorais Operárias e da Terra, revela desconhecimento da própria natureza das Pastorais. As pastorais têm como objetivo a evangelização, a construção do Reino de Deus nos homens e na sociedade. O movimento sindical proposto pela CLAT tem como objetivo construir dentro de pluralismo ideológico o poder social da classe trabalhadora, objetivando as mudanças necessárias na sociedade. Esta tarefa cabe aos trabalhadores livremente decidirem em cada país e em cada situação. Sendo a CLAT entidade supra nacional, respeita a opção de cada um.

Quanto à afirmação de que o II Congres-

so Internacional de Trabalho e Cultura no Pensamento de João Paulo II, recentemente realizado no Rio de Janeiro (outubro/1985) como preparação da III Conferência Latino-americana sobre os direitos e liberdades dos trabalhadores e dos Povos, que será brevemente realizado no Rio, é uma colocação de má fé. As críticas à pessoa do Bispo do Rio de Janeiro, Cardeal Eugênio Sales, não procedem. No pensamento de D. Eugênio é muito clara a autonomia das organizações intermediárias, sindicatos, partidos políticos etc, e a estrutura eclesial em cujo marco se realizou o Congresso de Trabalho e Cultura. D. Eugênio não está promovendo a atividade da CLAT, pois é contra a clericalização das instituições políticas, respeitando plenamente o pluralismo e a autonomia dos cristãos nas suas opções.

Teria ainda outros pontos a serem esclarecidos, mas para não me alongar, preferiria propor aos que têm dúvidas, conversar pessoalmente no Secretariado de Pastoral do Rio, onde trabalho, depois que me aposentei como metalúrgico, ou responder por carta aos que estão mais longe.

Sugiro ainda aos “companheiros de caminhada”, cuja opção respeito, que não tentem formar uma nova Central Sindical, pois já temos três, CUT-CONCLAT e USI, para não enfraquecer o movimento operário. Aceitem o pluralismo e democraticamente unam-se a CUT, onde a maioria dos trabalhadores que conhecem a linha CLAT participa livremente.

A segunda sugestão, é que os companheiros da CPUSTAL procurem aproximar-se mais do pensamento social cristão, pois no íntimo todo trabalhador latino-americano se sente cristão. O substrato de nossa cultura contém os valores cristãos. Assim terão êxito no seu trabalho. Um apelo a todos os trabalhadores: acima das ideologias que cada um tem e defende, unamo-nos solidariamente para construir a unidade, pois de nós trabalhadores, depende a Pátria grande, latino-americana.

Tibor Sulik

Nota: CLAT - Central Latino-americana de Trabalhadores. Sede Caracas, Venezuela. CPUSTAL - Congresso Permanente de Unidade dos Trabalhadores de América Latina. Sede Cidade do México - México.



# Ensina-nos a orar porque já não sabemos



Gustave Doré

**Ó** solidão! Solidão, meu lar...  
Tua voz, ela me fala com ternura e felicidade!  
Não discutimos, não queixamos, e muitas vezes  
caminhamos juntos através de portas abertas.

Pois onde quer que estejas,  
ali as coisas são abertas e luminosas;  
e até mesmo as horas caminham com pés saltitantes...  
Ali as palavras e os tempos/poemas de todo o ser  
se abrem diante de mim:  
aqui todo o ser deseja transformar-se em palavra,  
e toda a mudança pede para aprender de mim a falar”.

(Nietzsche)

## SILÊNCIO

“...conhecimento da fala mas não do silêncio,  
conhecimento das palavras e ignorância da Palavra

(T. S. Eliot)

Uma bolha sobe ao fundo do mar...  
Uma palavra sobe das funduras do nosso silêncio  
inesperada,  
impensada,  
emissária de um mundo esquecido,  
perdido:  
suspiro,  
nosso mistério,  
nossa verdade,  
oração.

Há palavras que dizemos porque delas nos lembramos.  
Possuídas, guardadas, ficam lá, à espera  
e vêm, obedientes, como animais domésticos...

Mas há palavras que não dizemos: elas se dizem,  
apesar de esquecidas.

Não são nossas:  
moram em nós, sem permissão, intrusas  
e não atendem a nossa voz.

São como o Vento,  
que sopra onde quer,  
e não sabemos nem como veio e nem para onde vai.

Só ouvimos o sopro.

*Nós dizemos: só ouvimos.*

*Assim as palavras da oração, esquecidas:  
elas se dizem.*

*Fica a surpresa de que um pássaro selvagem  
como aquele more em nós sem que o soubéssemos  
A palavra que diz a nossa verdade  
não habita em nosso saber.*

*Foi expulsa da morada dos pensamentos.  
Sua aparência era estranha, dava medo,  
Agora habita em porões,  
mais no fundo:*

*longe do que sabemos,  
ali, onde não pensamos,  
ao abrigo da luz diurna,  
no lugar dos sonhos,  
suspiros sem palavras.  
Elas são tímidas.  
Não se misturam.*

*Falam uma língua estranha,  
Babel,  
que não entendemos,  
e dizem do ar frio das montanhas  
e da escuridão dos abismos.*

*Mas somos moradores das planícies  
onde todos falam para não ouvir...*

*Temos medo das palavras que habitam  
as bolhas submarinas.  
Por isto falamos.*

*Matracas: ferro na madeira;  
clate/clate/clate/clate/clate.*

*palavras  
contra a  
Palavra.*

*Horror ao silêncio: nele moram  
as Palavras de que fugimos:  
Sobem do fundo do Mar quando se sabem sozinhas...*

*Ensina-nos a orar porque já não sabemos...  
Quando orares  
não sejas como os artistas de palco:  
falam palavras que não são suas, de outros,  
decoradas,*

*e os seus rostos não são rostos,  
máscaras.  
Não querem ouvir as próprias palavras  
(porque são ocos, não as têm...).*

*Seus ouvidos só ouvem os aplausos:  
moscas, prisioneiros de teias alheias...*

*Entra no silêncio  
longe dos outros  
e ouve as palavras que se dirão  
depois de uma longa espera...*

*Terias coragem de exhibir tua nudez frente aos estranhos?  
Eles irão se rir...*

*Como, então, poderias orar na sua frente?  
Oração, nudez completa,  
palavra que sobe do fundo escuro  
e revela...  
Perante Deus...*

*Somente ele tem olhos mansos o bastante para  
contemplar a nossa nudez e continuar a dizer:  
"— É muito bom que você exista..."*

*Nem mesmo nós...  
Entra no silêncio  
longe das muitas palavras  
e escuta uma única Palavra  
que irá subir do fundo do Mar.  
Uma única palavra é mais poderosa que muitas:  
pureza de coração é desejar uma só coisa...*

*Uma única Palavra:  
aquela que dirias  
se fosse a última a ser dita.  
Basta ouvir uma vez e, então,  
o silêncio...*

*Como Vênus, brilhante,  
na imensidão azul do sol poente...*

*Antes que tu a tivesses ouvido,  
o seu suspiro já reverberava pela eternidade...*

*Enquanto ela morava no teu esquecimento  
Deus já a ouvia  
e tremia...  
Faz silêncio...  
Ouve...*

# Miguel d'Escoto: o sentido da insurreição evangélica

“É preciso desmascarar o demônio imperial, deixando claro que não aceitamos que assuma a posição de defensor dos valores religiosos”, afirma o chanceler sandinista padre Miguel d'Escoto, referindo-se ao governo Reagan, nesta entrevista a Marcos Arruda, do IBASE/Rio, concedida em Manágua. Analisando a situação religiosa de seu país — em pleno processo de reconstrução nacional —, d'Escoto lamenta que os bispos nicaraguenses não acompanhem o processo de transformação da sociedade e considera isto contraditório por entender que “por definição, o cristão tem que ser revolucionário, especialmente em situações de injustiça, exploração, racismo, de sistemas que impedem que vivamos em fraternidade.”

Em protesto contra as ingerências do governo norte-americano sobre a reconstrução política e social da Nicarágua, o padre d'Escoto realizou o que chamou de “jejum pela paz na América Central, pela vida e

contra o terrorismo”, no período de 07 de julho a 06 de agosto últimos. Em 27 de julho D. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia (MG), embarcou para a Nicarágua para juntar-se a Miguel d'Escoto em seu gesto.

**TP — O que significou a experiência do jejum e a presença de d. Pedro Casaldáliga na Nicarágua?**

d'Escoto — A idéia do jejum ocorreu assim, de repente, como se fosse uma loucura. Decidi submetê-la à reflexão, ao discernimento e à oração dos irmãos. Primeiro a submeti ao presidente Ortega, que me disse: “Se queres fazer um retiro de oração com outros sacerdotes, faça; depois, diga-me qual é a decisão.” Então estive oito dias com muitos sacerdotes. Depois eu mesmo me converti em espectador do que estava se passando. Vi testemunhos muito fortes, por exemplo, no Exército. Incrível, a reação do Exército foi mais

forte que a dos homens do campo, da juventude. Descobri que o importante é as pessoas solidarizarem-se com o povo, com os que sofrem, não comigo. A mim dá muita vergonha que, por exemplo, uma velhinha, vinda num barco do outro lado da Nicarágua, nesta época de inverno, numa viagem perigosa, venha dizer-me que veio solidarizar-se comigo. E outras pessoas que vieram de muitas maneiras, em oração, sem comer. Outros que me diziam: “Padre, estou há 20 anos sem rezar, mas agora algo está se passando comigo.” Coisas assim eram muito frequentes. Meninos que estavam partindo para o serviço militar passavam na igreja a noite anterior. Foi uma coisa muito especial, um momento de graça na Nicarágua, do qual eu e os demais adeptos da manifestação fomos espectadores do que estava se passando. A presença de dom Pedro foi algo desejado há muitíssimo. Mas eu não o chamei. Na ocasião, eu pensava na vinda de outro irmão: o abade de Monte Serrat — mas tampouco o convidei. Mas no íntimo, a pessoa que mais queria que viesse para cá era dom Pedro, e veio!

**TP — É verdade que sua iniciativa não contou com a solidariedade da hierarquia eclesial da Nicarágua?**

d'Escoto — Lamentavelmente, a situação na Nicarágua é tal que os cristãos não podem esperar que os bispos tomem a iniciativa. Os bispos não têm, na história da América Latina, e do mundo em geral, uma tradição de se solidarizarem com os povos quando se produz uma revolução. É realmente contraditório, pois o cristão, por definição, tem que ser revolucionário, especialmente em situações de injustiças, exploração, racismo, de sistemas que impedem que vivamos em fraternidade. Mas não somos revolucionários, os cristãos, ou os católicos, porque tampouco somos cristãos. De cristãos temos o nome, nada mais, e somos tipi-



Um povo destemido em defesa da sua liberdade.

cos de uma igreja que não aceita a cruz, como não a aceitou o povo judeu em seu tempo. Não aceita Cristo porque não aceita a cruz, porque não aceita assumir sua luta para solidarizar-se com os oprimidos; a cruz é isso: assumir nossa luta, assumir tudo, para nos solidarizarmos com nossos irmãos e especificamente com os mais explorados, vítimas de injustiças de todo tipo. Mas aqui na Nicarágua há um povo muito cristão, independentemente da posição dos bispos.

**TP — E o cristianismo do povo da Nicarágua?**

**d'Escoto** — O povo da Nicarágua é um povo bastante cristão. A revolução o tem cristianizado muito. A revolução o ajudou a ser mais justo, mais comprometido, mais desprendido de muitas coisas e a entrar, ainda mais, na luta para transformar a sociedade. Agora que o "império" pretende destruir a revolução para "defender os cristãos" — nós, os cristãos, temos recebido tantos ensinamentos da revolução, que temos

aprendido o que significa ser cristão pela revolução. E temos recebido daqueles supostos ateus, exemplos que temos de seguir para salvar-nos. E que são diferentes dos exemplos dos bispos, que seguem seu caminho a Jericó e deixam os seus irmãos derramando sangue ao longo do trajeto. Pois estes cristãos que têm recebido tanto da revolução, não podem ficar no silêncio cúmplice e permitir que o impostor imperial continue dizendo que faz o que faz na Nicarágua, para defender os cristãos perseguidos.

**TP — É este o primeiro motivo da insurreição evangélica?**

**d'Escoto** — A insurreição evangélica é o levantamento massivo de mulheres e homens cristãos, gente de boa fé, cristãos em geral, sobretudo de nosso povo, que se organiza para protestar, com métodos complementares a todos os outros métodos. Não se trata de que o cristianismo vá abandonar a trincheira militar; pelo contrário, tem de lutar

para que se triplifique: a trincheira diplomática, a trincheira econômica e todas as outras se mantêm nela. Mas há algo específico que o cristianismo pode oferecer para protestar contra o crime, o sequestro, a tortura sistemática de nossos irmãos, coisas que acontecem diariamente. Há que se protestar contra isso e desmascarar este demônio imperial, para que fique claro que não aceitamos que ele assuma essa posição de defensor dos valores religiosos. O problema é **como** se atuar nesta luta.

Aqui vem uma concepção teológica — por isso é que se chama evangélica — que tem dois aspectos fundamentais: o cristianismo tem de lutar para mudar a sociedade, a velha ordem pela nova ordem. O cristão luta por uma transformação profunda, revolucionária, de uma sociedade de egoísmo para uma sociedade de fraternidade, de justiça.

Mas a outra pergunta que cabe fazer — e a Igreja tem feito muito mal em 2000 anos — é se Cristo, além de nos pedir, exige que lutemos para transformar o mundo. E se essa transformação exige um novo método de luta ou pode ser alcançada por métodos convencionais. O que eu creio é o que o Evangelho nos obriga a utilizar um novo método; que a violência é anti-evangélica; que os princípios da teologia da guerra justa têm de ser vistos com muito cuidado, porque a pregamos de uma forma que parece dizer que esses ensinamentos brotam do Evangelho — o que não é verdadeiro. Eles são uma concessão do Evangelho a um mundo em transição. Mas, para este mundo em transição, temos que começar a utilizar novos métodos de luta, que Martin Luther King chamava a **não violência criativa**. Eu não gosto muito disso, é como uma negociação. Eu chamo de **profetismo**, que é a forma dramática de denunciar, porque isto nos obriga a proclamar a fraternidade universal de Deus sobre todos nós, que somos irmãos e irmãos uns dos outros, mas também a denunciar de forma clara, não ambígua, categórica, tudo aquilo que impede os homens de viverem como irmãos.

É a parte profética que a Igreja não pratica, porque a Igreja não quer a cruz; porque ao praticar isto, seria objeto de represálias, se converteria em apoio para aqueles que estão empenhados em manter a velha ordem, porque se sentem ameaçados. Se tu somente amas, vão dizer "este pobre homem é um louco, é muito generoso e tudo, mas pobrezinho, muito louco, nunca vai ficar rico!" Mas não vão te perseguir na rua. Não vais sofrer a

## CADERNOS DO CEDI

7 - Um pé de cana não é nada, juntando é um canavial.....	Cr\$ 20.000
8 - Igrejas/Desenvolvimento e Participação Popular.....	Cr\$ 20.000
9 - Deixai vir a mim os pequeninos.....	Cr\$ 20.000
10 - Rocas Comunitárias.....	Cr\$ 20.000
12 - Sexta Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas.....	Cr\$ 20.000
13 - Alfabetização e Primeiras Contas.....	Cr\$ 20.000

## LEVANTAMENTO POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

Volume 5 - Javari.....	Cr\$ 35.000
Volume 3 - Amapá/Norte do Pará.....	Cr\$ 55.000

Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI  
(Av. Higienópolis, 983. CEP 01238 — São Paulo — SP).

## Assine tempo e presença

Revista Mensal  
**Tempo e Presença**

Assinatura anual:

Cr\$ 50.000

América Latina: US\$30  
América do Norte: US\$ 40  
Europa, África e Ásia: US\$ 45

Boletim Semanal  
**Aconteceu**

Assinatura anual:

Cr\$ 30.000

América Latina: US\$50  
América do Norte: US\$65  
Europa, África e Ásia: US\$ 75

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_ Est.: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Faça sua assinatura através de cheque nominal para o CEDI —

**Centro Ecumênico de Documentação e Informação** — Av.

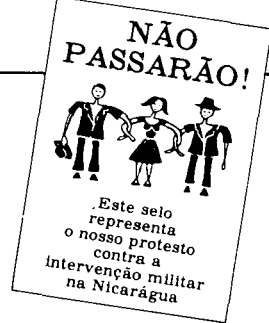
Higienópolis, 983 — 01238 — São Paulo — SP.

cruz. É claríssimo que todo aquele que O segue será objeto de perseguição. E será levado ante os reis, príncipes e tribunais; que lhe vão fechar a sinagoga, ou seja a Igreja; que vão lhe dar patadas e chicotadas. Tudo isso é claríssimo. Não vão lhe prestar homenagens e lhe colocar em carroças, como certos bispos. Só que de vez em quando as pessoas se alegram de lhe ver. Mas depois vão lhe dar pedradas na cidade, como fizeram com Nosso Senhor. Então isto é a insurreição evangélica, é o levantamento dos cristãos, como cristãos numa nova trincheira, que não implica deixar nenhuma das outras, pelo contrário. Mas todos aqueles que não estejam envolvidos, por exemplo, na defesa militar, mas que estão em sua casa lutando de outra forma, podem participar nesta luta para que todos estejam unidos, manifestando seu repúdio a esse crime sistemático e a essa manipulação da religião.

TP — O sr. tem um plano para fazer

**progredir o movimento de insurreição evangélica?**

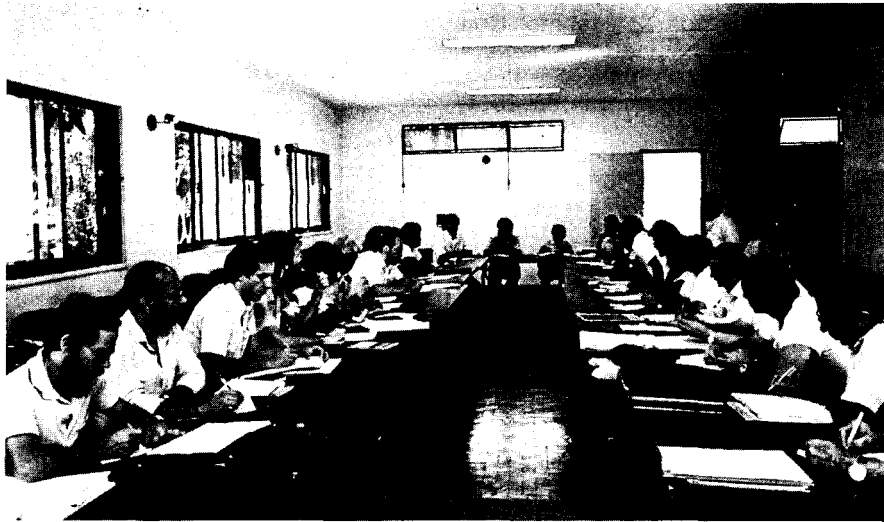
**d'Escoto** — Agora estamos na segunda etapa. Passamos a etapa do jejum e oração. Esta foi o começo, como quem disse "temos que fazer algo!" Agora estamos na etapa da consolidação, organização e estruturação das diferentes frentes desta guerra. O que se está tratando de inventar não é a insurreição — já sabemos mais ou menos como funciona uma insurreição; até há pouco tivemos uma! Para lançá-la estamos chamando a natureza humana; esta é uma insurreição igual, mas que não pode ser como a conjuntural. Ela tem de ser sustentada com uma participação cada vez mais ampla e um conteúdo mais fortemente dramático em sua expressão. Tudo isso se está vendo e articulando. A insurreição se coloca como tal, a partir de 15 de setembro, quando entram personalidades na mesma luta. Continua depois, com a elaboração de um plano a seguir. Com manifestações massivas



dos cristãos, em número sempre maior; com formas cada vez mais dramáticas do repúdio dos cristãos à política imperial que pretende que a Nicarágua se ajoelhe e adore o "império" como a um deus. Porque é isto que se pretende: nem mais, nem menos.

Diz-se que a única coisa que temos de fazer para que o "império" nos perdoe a vida, é acatar sua vontade; reconhecê-lo como deus. Mas não faremos a vontade de nenhuma potência. A vontade de nosso povo é a vontade de Deus. O povo nicaraguense, apesar de empobrecido, não tem menos direito à auto-determinação e à felicidade do que as demais nações.

## Fundação da Agência Ecumênica de Notícias - Agen



Com a presença de 26 entidades e órgãos informativos ligados direta e indiretamente às igrejas cristãs no Brasil e mais a solidariedade de outros 9 organismos que não puderam estar presentes à ocasião, foi fundada, no dia 13 de novembro, na sede geral da Igreja Metodista em São Paulo, a Agência Ecumênica de Notícias — AGEN.

A AGEN pretende dar cobertura jornalística aos eventos de interesse das igrejas e movimentos sociais que normal-

mente não encontram espaço na grande imprensa. O espaço de intersecção entre igrejas e movimentos populares pode vir significar o caminho de avanço do movimento ecumênico no Brasil. Estar atento a este processo e torná-lo público é um dos objetivos da Agência Ecumênica de Notícias.

Na assembleia de formação da AGEN foi eleita uma comissão provisória que deverá, em 120 dias, promover a sua estruturação política, jurídica, financeira e

funcional. Essa comissão é composta por D. Sumio Takatsu, bispo da Igreja Episcopal do Brasil; Frei Ismael Martignago, editor do jornal "O São Paulo" da Arquidiocese de São Paulo; Dermi Azevedo, jornalista, editor da revista "Tempo e Presença"; Luiz Longuini Neto, pastor presbiteriano, secretário executivo do Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais — CEBEP — e Edin Sued Abumanssur, pastor presbiteriano, do Centro Ecumênico de Documentação e Informação — CEDI. Essa mesma comissão foi responsabilizada pela convocação de nova assembleia em março para a formalização jurídica da Agência e eleição da diretoria, conselho editorial e conselho fiscal.

A nova agência produzirá informações para os veículos associados e para outros meios de comunicação interessados em seus serviços. Procurará, também, oferecer aos leitores o acesso a informações não habitualmente divulgadas pela grande imprensa. Além do serviço noticioso a AGEN representará a possibilidade de um trabalho mais cooperado entre os periódicos associados.

A Agência Ecumênica de Notícias atenderá provisoriamente na Av. Higienópolis, 983 — telefone 66-7273 — São Paulo — SP.

## As prisões, os jovens e o povo

O cardeal arcebispo de S. Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, o psicólogo holandês Nicodemus Piek, o jurista Hélio Biscudo, o repórter policial Percival de Souza, o deputado federal Plínio de Arruda Sampaio, o secretário da Justiça de S. Paulo, José Carlos Dias, o pastoralista dominicano frei Betto e o antropólogo Paulo Sérgio Pinheiro, entre outros, estão reunidos na coletânea "As Prisões, os Jovens e o Povo", publicada por Edições Paulinas e organizada pelo advogado José J. Queiroz.

O conteúdo do livro é um relato de cinco seminários acontecidos na PUC-São Paulo. Entre os co-autores, está o padre Agostinho Duarte de Oliveira, muito conhecido pela sua atuação na Pastoral Carcerária da Arquidiocese de São Paulo.

Nicodemus Piek, no primeiro capítulo, apresenta a experiência que tem tido como psicólogo na Holanda, e a introduz perguntando: "pode se esperar da pena de prisão algum resultado positivo?" Percebe-se, no texto, que ao formular tal questão, o psicólogo tem na mente o complexo funcionamento da sociedade industrial, que gera, de um lado riqueza e de outro pobreza. Assim, conclui Piek, "o sistema de detenção penal pode ser visto como uma instituição que produz criminalidade" porque "ele se justifica ou se legaliza pelo reincidente e, em Psicologia Comportamental, reincidente é o preso institucionalmente arrasado, incapaz de sentir-se importante.

Ao longo do livro, ficam claras as opções jurídicas dos advogados que integram a equipe desta coletânea. O dr. Haroldo Pinto da Luz Sobrinho discute a atuação do juiz como "um papel importante na execução da pena no Brasil" e comprova que "é muito fácil para um juiz de execução ser um burocrata, um juiz que se limita a chegar na repartição à uma hora da tarde, estar com o 'servicinho' em dia. O difícil é ser juiz de ação, juiz de campo, mexer nas estruturas" José Carlos Dias, ex-presidente da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de S. Paulo, apresenta problemas jurídicos cotidianos, a partir de uma polêmica mais ampla na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), sobre pagamento aos advogados por serviços prestados a pessoas oriundas das classes populares.

Paulo Sérgio Pinheiro, criticando a polícia, elenca questões político-antropológicas sobre presos e prisões, lembrando a intenção de alguns seguimentos sociais de acabar com os presídios. O cardeal Arns também leva a questão por este ângulo, insistindo na utopia cristã de "procurar acabar com a cadeia como instituição puramente repressiva" e denuncia que "só na região de Osasco, mais de 90 pessoas, em circunstâncias que não foram objeto de investigação e registro regular, desapareceram, nos últimos meses."

No entanto, a novidade desta publicação está em reunir num só tema questões am-



plas como a do menor infrator, do jovem marginalizado e do adulto desajustado, que, invariavelmente, acabam no cárcere.

Este livro é uma grande contribuição para as diversas Igrejas envolvidas com o sofrimento dos encarcerados. Constitui-se num subsídio indispensável para agentes de pastoral desta área, nos campos da Comunicação, Educação, Direito, Teologia e Antropologia.

(Fermio Luiz)

## Raízes da fome

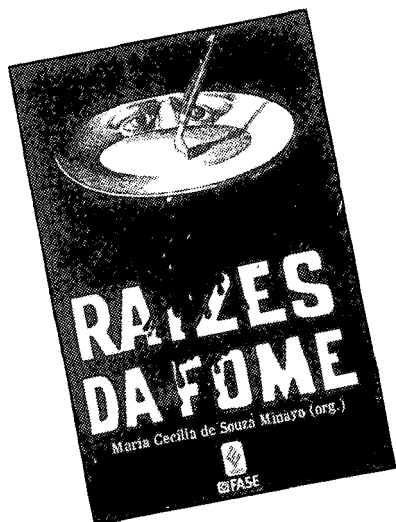
São seiscentos milhões de desnutridos graves no mundo. São mais de dez milhões de crianças mortas por ano. O mundo comporta hoje mais famintos do que em qualquer momento anterior de sua história. O maior paradoxo de nosso tempo é que esse recorde de fome é simultâneo às maio-

res colheitas e estoques jamais alcançados. Este é o tema do livro **Raízes da Fome**, organizado por Maria Cecília de Souza Minayo, com textos de cientistas sociais e participantes do movimento popular, como Carlos Minc Blaumfeld, d. Cláudio Hummes, Fernando Homem de Melo e da própria Maria Cecília, entre outros.

Fruto de estudos e debates realizados na Semana Josué de Castro, em setembro de 1983, na comemoração dos 10 anos da morte desse grande nordestino e brasileiro, o livro contém discussões sobre a estrutura agrária do Brasil e da América Latina, o mo-

delo alimentar do Ocidente, a crise econômica, a questão da fome e as lutas sociais para enfrentar as causas que produzem a fome no Brasil.

O lançamento foi feito em 17 de outubro passado, no Dia Mundial da Alimentação, nas Faculdades Integradas Bennett, no Rio, com um debate sobre a fome no Brasil, do qual participaram Modesto da Silveira, do INCRA; Carlos Minc, da ABRA; Waldo César, do CENPLA; Conceição Cassano, presidente do Sindicato dos Nutricionistas do Rio e José Guedes dos Santos, camponês de Cachoeira de Macacu (RJ).



### ACONTECEU ESPECIAL

Trabalhadores rurais 1980 .....	Cr\$ 10.000
Trabalhadores urbanos 1980 .....	Cr\$ 10.000
Trabalhador urbano 1981 .....	Cr\$ 10.000
Trabalhador rural 1981 .....	Cr\$ 10.000
FIAT 1981 .....	Cr\$ 10.000
Povos indígenas no Brasil 81 .....	Cr\$ 15.000
Povos Indígenas no Brasil 82 .....	Cr\$ 15.000
Povos Indígenas no Brasil 83 .....	Cr\$ 30.000
Povos Indígenas no Brasil 84 .....	Cr\$ 55.000

Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI  
(Av. Higienópolis, 983. CEP 01238 - São Paulo - SP.)

# O POVO É POETA

Um dia a mulher gritou:

— Sou guerreira!

E o eco da sua voz se fez ouvir  
além das fronteiras!

Sou mulher — mãe e guerreira.

O fogão não é mais meu limite.

Sou chamada a rainha do lar.

Mas sou maior que o oceano e o mar.

Saí... A aurora não ganhara ainda o céu.

Fui ao sepulcro do meu povo — qual Madalena  
um dia — e vi... havia vida a proclamar...

E o meu limite não ficou sendo o meu lar.

Sou mãe... Dou a vida.

Sou esposa — sou compreensão.

Sou mulher — dor.

Sou povo, sou amor — Anunciação.

Onde houver um caído, eu levanto.

Onde há um morto, um doente

chorando... Sou guerreira,

sou pássaro... eu canto.

Levanto meu povo, e o tiro da escravidão.

Meu nome é Libertação.

Sou paz, sou a esperança.

Sou arco-íris neste mundo de injustiça.

Sou a igualdade...

meu nome é Fraternidade.

Me chamo povo — sou humanidade.

Quem quiser me encontrar...

É fácil... não estou só no lar.

Estou na luta — sou guerreira,

sou negra, sou pobre,

sou velha, sou viúva

e quase analfabeta.

Mas é fácil me encontrar na luta.

No movimento popular!

Todos me conhecem...

Sou o resto que sobrou de alegria e amor.

Sou tudo de bom, de sonho de céu;

Sou apenas MARIA MIGUEL!